



pulsar às margens

sistema cultural ambiental em Barreiras - Bahia

ingridth sarah hopp

pulsar às margens

sistema cultural ambiental em Barreiras - Bahia

TGI 2

Instituto de Arquitetura e Urbanismo - IAU USP

Ingridth Sarah Hopp

Orientação:

Aline Coelho Sanches

Amanda Saba Ruggiero

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

HH798p Hopp, Ingridth Sarah
Pulsar às Margens: Sistema Cultural Ambiental em
Barreiras - Bahia / Ingridth Sarah Hopp. -- São
Carlos, 2022.
106 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Centro Cultural. 2. Corpos d'água. 3. Sistema
urbano. 4. Memória. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

AtribuiçãoNãoComercial-Compartilhalgal-CC BY-NC-SA



“sou filho dessa terra que é banhada pelos
rios e cercada pelas serras”

autor barreirense desconhecido

Agradecimentos

À minha família, pelo amor, incentivo e alicerce incondicionais, em especial a minha mãe Rosane e meu irmão Thomas, que foram meus pés, mãos e olhos em Barreiras.

Aos amigos espalhados entre São Paulo e Bahia, pelas risadas, abraços e dores compartilhadas. O suporte e ajuda de vocês foram fundamentais. À universidade, seu corpo docente e administrativo e seus demais funcionários, pelos ensinamentos pessoais e profissionais que levarei para toda vida.

Aos meus orientadores Aline, Fábio e Amanda, e os demais professores que me auxiliaram nesse processo, por todo incentivo e paciência com o qual me conduziram nesse ano.

Resumo

Barreiras nasceu a partir do Rio Grande. Impulsionada pelos eixos rodoviários, a cidade se expandiu além rio, e o corpo d'água, que antes era fio conector, passou a ser visto como obstáculo. O trabalho propõe um sistema urbano de espaços livres associados a equipamentos públicos ligados a mobilidade, lazer e educação. O primeiro gesto é devolver ao Rio Grande seu caráter histórico de transporte, integrando a cidade e devolvendo-o à memória coletiva, de forma a retomar seu significado e história e incentivar conexões. Por meio do Rio, acessam-se quatro áreas: duas ZEIS, o Centro Histórico e o encontro dos Rios Grande e de Ondas, escolhida para o projeto em questão. Nessa área, propõe-se a criação de um parque ambiental cultural com edifícios pensados como conexões entre cidade e paisagem, os quais foram principal foco do projeto. Por sua vez, o parque recebeu diretrizes gerais, respeitando o partido de manter a paisagem praticamente intocada de forma a orientar a implantação e permeabilidade dos edifícios. Quatro volumes espalham-se pelas margens: um pavilhão de memória fluvial, dedicado à história do rio e dos seus navegantes; um terminal fluvial, que fornece infraestrutura de mobilidade; um centro cultural-mirante, que abriga atividades de experimentação artística; e um edifício de banho, que traz infraestrutura pública para o principal lazer dos barreirenses. A paisagem abraça os edifícios e caminhos e o projeto busca resgatar a relação da cidade com suas águas e matas, tornando-se um espaço público onde os barreirenses podem reviver sua história e vivenciar experiências.

índice

a cidade, as pessoas e seus rios	12
contexto geral	14
história de barreiras	16
leituras do território	30
 o projeto	 48
reflexões	50
sistema urbano às margens do Rio Grande	52
parque cultural ambiental	66
 considerações finais	 104
 bibliografia	 106



“ a grande dádiva de barreiras
afluente do são francisco
a estrada líquida até a metade do caminho
para salvador e as capitais do sudeste”

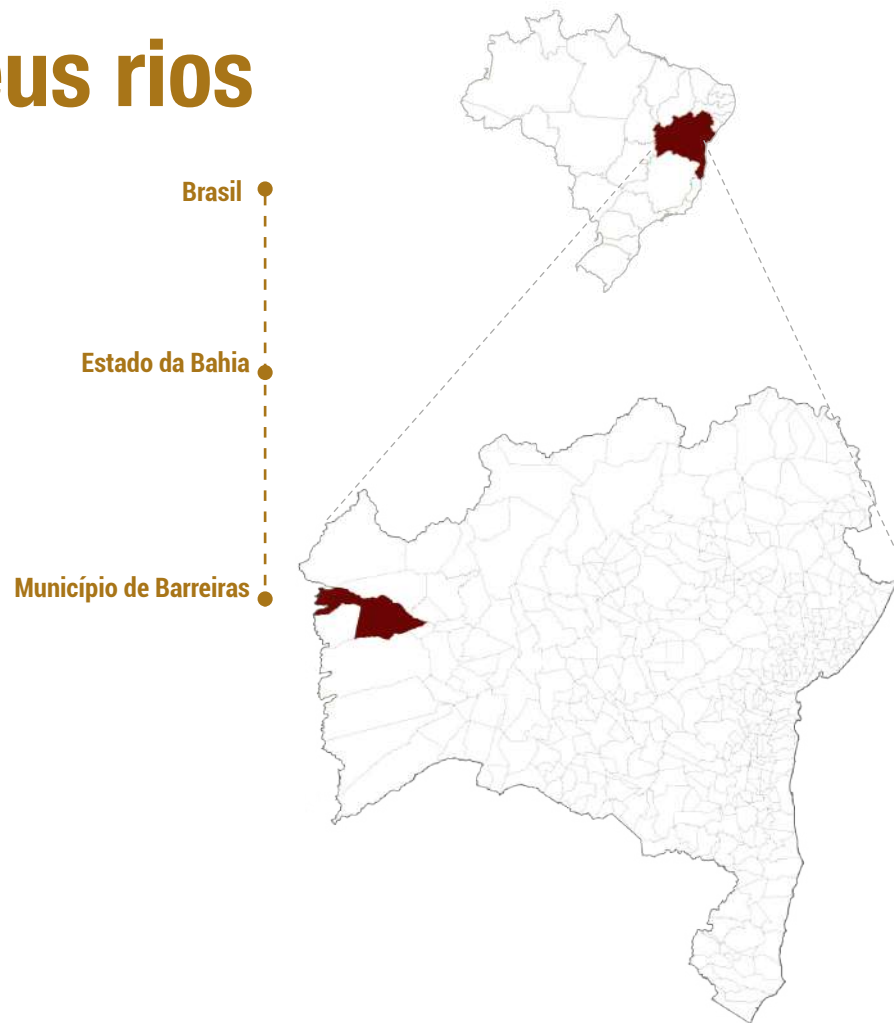
ignez pitta

A cidade, as pessoas e seus rios

Barreiras é um município localizado no interior do estado da Bahia, a cerca de 873 km da capital Salvador. Sua população estimada em 2021 era de 158432 habitantes, sendo assim, o nono município mais populoso do estado e o 16º do interior da Região Nordeste (IBGE,2021).

É cortado pelo Rio Grande, principal afluente da margem esquerda do Rio São Francisco, e é atravessado por três rodovias federais (BR 020, BR 135 e BR 242) tornando-o principal entroncamento rodoviário da região. Faz fronteira com os municípios de Luís Eduardo Magalhães (BA), São Desidério (BA), Cristópolis (BA), Angical (BA), Riachão das Neves (BA), Formosa do Rio Preto (BA), Novo Jardim (TO) e Ponte Alta do Bom Jesus (TO).

Barreiras foi categorizada em 2007 pelo IBGE como capital regional C na hierarquia urbana do Brasil, devido a sua “relevância educacional, médica, tecnológica, econômica e turística em sua região”(PDU,2019).



Na página anterior, Barreiras da década de 1950. Fonte: Ignez Pitta.

Vista aérea de Barreiras. Fonte: Barreiras em Desenvolvimento.



História

Os primeiros habitantes da região

Pesquisas arqueológicas realizadas na década de 90 indicam que a região de Barreiras foi habitada em tempos pré-históricos, o que é corroborado por importantes sítios arqueológicos com materiais encontrados na região. Urnas funerárias com esqueletos, armas e objetos da Idade da Pedra integram o acervo exposto no Museu Municipal Napoleão de Mattos Macedo.

Importantes agrupamentos indígenas viviam no oeste da Bahia, como as tribos Acroás, Aricobés e Mocoás, espalhadas às margens do São Francisco, e os Xacriabás, difundidos na zona dos Gerais. Tal como em outras localidades no Brasil, os indígenas foram pouco a pouco dizimados por exploradores, pelo contato com doenças e pela miscigenação (PDU BARREIRAS, 2019). Apenas a tribo dos Aricobés sobreviveu por mais tempo na região, no município de Angical, devido à proteção de missionários franciscanos.

Os primeiros assentamentos da região

A Carta de Évora, datada de 1534, foi o primeiro documento a mencionar a região onde hoje se localiza Barreiras, ao garantir a doação da capitania hereditária da Bahia de Todos os Santos a Duarte Coelho. A região foi transferida para a Capitania de Pernambuco em 1789, até que em 1827 voltou a fazer parte da Bahia.

Entre 1545 e 1550, Duarte Coelho organizou a primeira viagem oficial de reconhecimento do Rio São Francisco, ultrapassando a região de Bom Jesus da Lapa. Foi por meio do Rio São Francisco e seus afluentes que os bandeirantes e

colonizadores penetraram na região. Essa característica da ocupação de terras influenciou fortemente a formação de traços culturais ligados aos elementos naturais, principalmente a relação com os rios e com a vegetação de cerrado (REIS, 2014).

Apesar das disputas com os indígenas, em meados de 1600, colonizadores começam a subir o Rio Grande, estabelecendo núcleos de criação de gado, agricultura e engenho de cana. A navegação no rio proporcionou avanços nas trocas comerciais e na ocupação das terras, estimulando a implantação de novas comunidades e portos para as mercadorias, sendo uma delas Campo Largo, localizado às margens do Rio Grande e a cerca de 80 km de Barreiras, atualmente Distrito de Taguá, Cotegipe (PDU BARREIRAS, 2019).

Até 1827 a região do “além São Francisco” fazia parte da capitania de Pernambuco. Entretanto, como retaliação aos movimentos separatistas pernambucanos, o Comarcado São Francisco foi transferido à província da Bahia, definindo o atual território baiano e provocando mudanças na realidade local. As trocas comerciais entre os pequenos povoados da área, ainda restritas ao transporte fluvial, sofreram um aumento, influenciadas pela nova estabilidade político-administrativa.

Atinge-se o último ponto navegável do Rio Grande - onde logo acima despontam grandes barreiras de pedras que impossibilitam a navegação - localidade em que se estabelece o porto de “São João das Barreiras”. Por meio do porto, chegavam mercadorias vindas do litoral para serem transportadas no lombo dos animais para o norte de Goiás e Minas Gerais e exportava-se a produção agropecuária local para os centros consumidores do litoral baiano. Todas as mercadorias importadas da região e do norte de Goiás também chegavam ao

porto: ferramentas, querosene, remédios, tecidos, vinhos, café. Conta-se que ali morava o barqueiro Plácido Barbosa em terreno da fazenda Malhada, sendo considerado o primeiro habitante de Barreiras. Nessa época era a povoação um lugarejo com apenas 20 casebres de taipa ou adobe.



Primeira foto de Barreiras.
Fonte: Ignez Pitta.



Barreiras em 1912. Fonte: Ignez Pitta.

A cidade porto-armazém

Vale ressaltar que a emancipação política de São João das Barreiras perpassa pela história do município de Campo Largo, cujo desmembramento no final do século XX deu origem a onze municípios. Em 1890, Angical separa-se de Campo Largo, tornando-se município e fazendo de Barreiras seu distrito por Lei Municipal em 20 de fevereiro de 1891. Inicialmente a ocupação de São João das Barreiras foi liderada pela pecuária extensiva e agricultura de subsistência, mas a partir de 1880, o desenvolvimento do povoado foi estimulado pela crescente demanda pela goma de mangabeira, da qual se extrai o látex para a produção de borracha. Sendo um produto de exportação de alto valor internacional, a exploração se tornou motivo de atração do fluxo migratório e a pequena localidade foi elevada a condição de cidade em 06 de abril de 1891 pelo ato estadual nº 237.

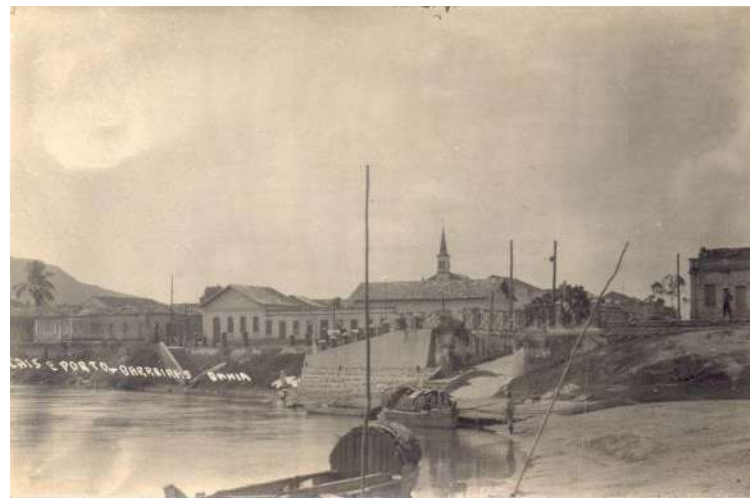
O primeiro prefeito foi o Coronel Martiniano Caparroza Ferreira, que tomou posse em 26 de maio de 1891, dia considerado aniversário da cidade. Graças a esse desenvolvimento, a população da cidade de São João das Barreiras chegou a 2.500 habitantes em 1891.

Em 19 de maio de 1902 o distrito foi promovido a município com o nome de Barreiras, por meio da lei estadual nº 449.

Em 1928 com a inauguração da hidrelétrica (segunda do estado da Bahia) e a chegada da eletricidade, Barreiras viveu uma época de relativa prosperidade econômica, impulsionando a instalação de um grande frigorífico, empresas beneficiadoras de arroz e algodão, curtumes e fábricas de fios. Nos anos 40, instalou-se um aeroporto utilizado para abastecer tropas americanas na 2ª Guerra Mundial e, posteriormente, por empresas de aviação como “Nacional Transportes Aéreos”, “Consórcio Real-Aerovias e “Panair do Brasil”. A agência bancária do Banco do Brasil chegou em 15 de março de 1943.

O porto de Barreiras ainda era importante para o desenvolvimento da cidade, e nesse local estabeleceram-se lojas, depósitos, armazéns e trapiches que realizavam a importação de materiais e produtos. As obras para implantação de um cais moderno foram realizadas pela Intendência de Barreiras na década de 1930. Feita de pedra e concreto, a construção se resumia ao atracadouro e não possuía a balaustrada que hoje a caracteriza. Foi o Dr. Almiro Vieira de Melo quem fez a primeira parte do cais. Na década de 1950, o cais passou por uma reforma, tendo sido erguidas as rampas e a balaústrada, no primeiro mandato do Prefeito Sabino Dourado. Também nessa época foi inaugurado o prédio do Mercado Municipal.

Em 1964 foram desativados a hidrelétrica, a navegação fluvial e o aeroporto. “Sem energia, estradas ou outros meios de transportes, o município mergulhou num retrocesso econômico” (PDU, 2004).



Barreiras ribeirinha na década de 20.
Fonte: Barreiras em Desenvolvimento.



Rio Grande nos anos 50.
Fonte: Ignez Pitta.

Navio a vapor que seguia até Juazeiro da Bahia e Pirapora-MG através do Rio São Francisco.
Fonte: Ignez Pitta.

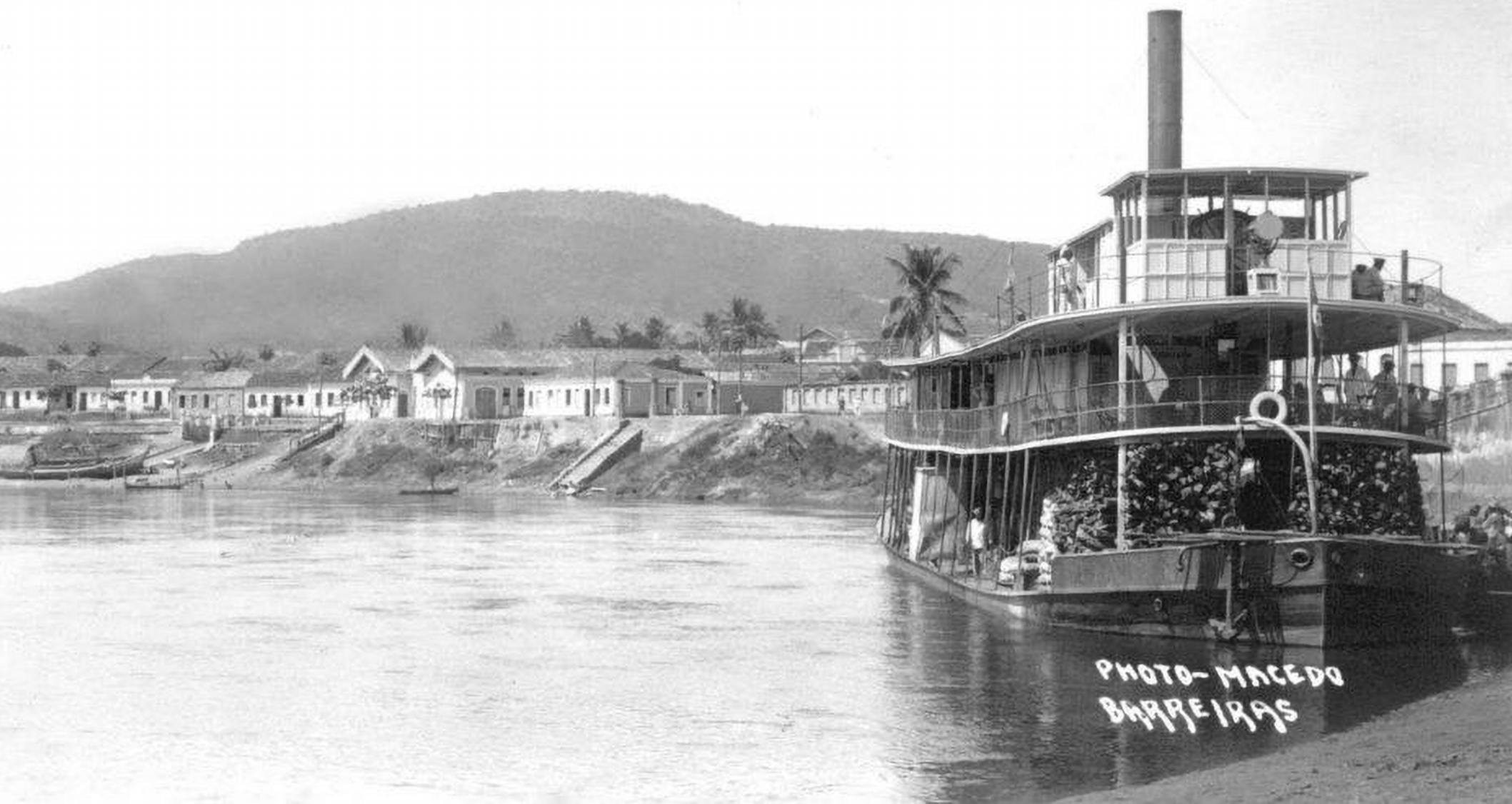
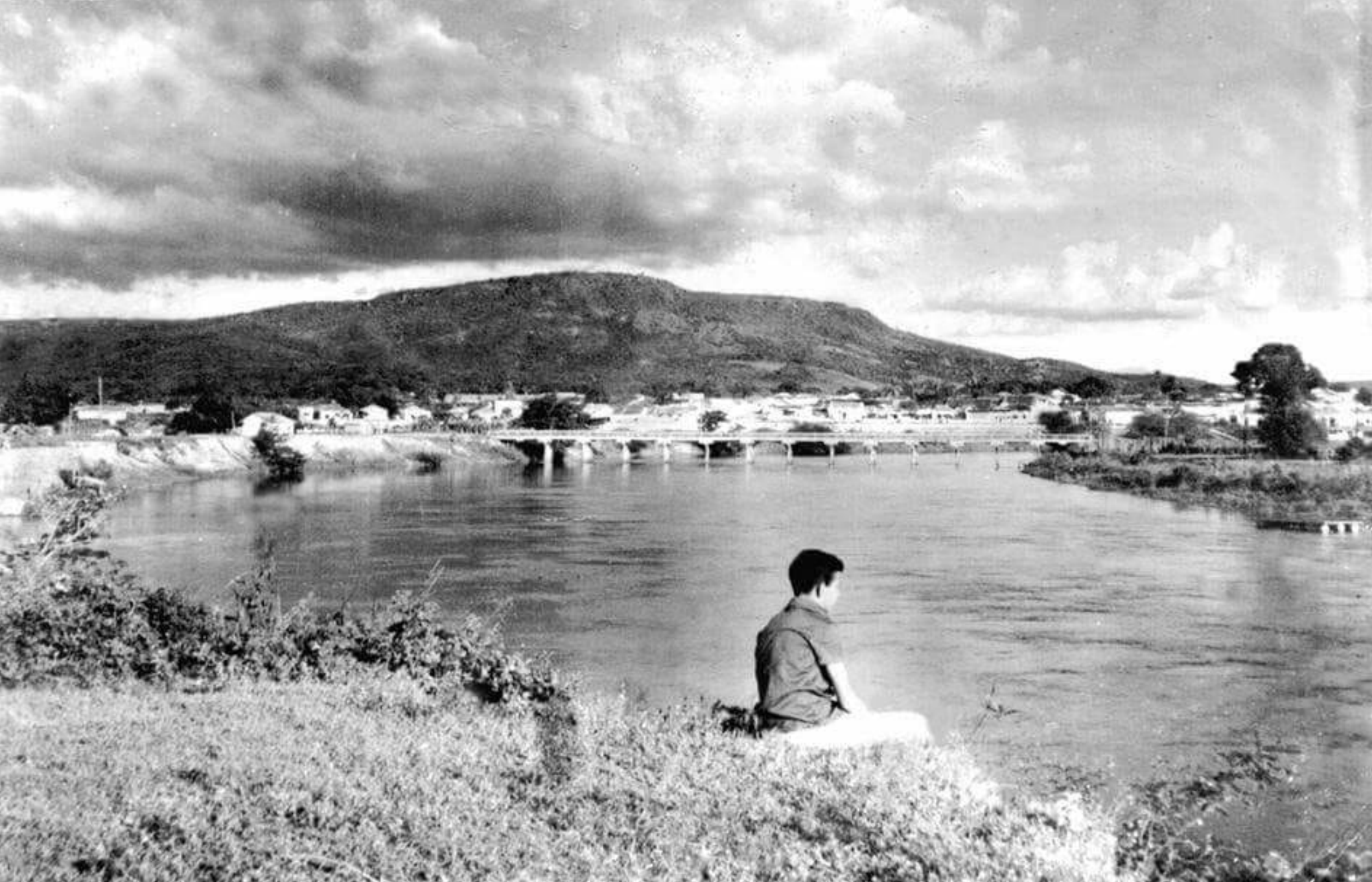


PHOTO-MACEDO
BARREIRAS







A cidade agrícola

A partir da década de 70, Barreiras presenciou um novo fluxo migratório devido à transferência do quartel do 4º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção) para a cidade. Além disso, a inauguração de Brasília e a implantação de uma nova rede viária facilitaram o comércio e a comunicação com outras regiões, o que anteriormente era restrito às áreas conectadas pelo meio fluvial.

Nessa época, a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) realizou estudos que comprovaram o potencial agrícola da região, o que impulsionou a vinda de “gaúchos, catarinenses e paranaenses, atraídos pelos baixos preços das terras de cerrado, facilmente adaptáveis ao cultivo de grãos e pelos projetos de irrigação capitaneados pela CODEVASF” (PDU 2004).

Barreiras adquiriu grande influência no Oeste Baiano e cresceu rapidamente, elevando sua população urbana de 9.831 habitantes em 1970, para 30.055 em 1980 e para aproximadamente 140.000 pessoas em 2010. Como resultado, a cidade cresceu desordenadamente, refletindo na falta de infraestrutura urbana básica e no escancarado contraste social que ainda hoje perduram.

A ocupação agrícola sem um plano ambiental resultou em uma grande devastação de áreas do Cerrado, bioma original da região rico em biodiversidade. Dados da EMBRAPA ressaltam que em um período de 15 anos (de 2007 a 2022), cerca de 16% da vegetação nativa foi suprimida. Outras ameaças ao Cerrado estão relacionadas à exploração do seu potencial hídrico por meio de usinas hidrelétricas e irrigação de grandes áreas, além do uso extensivo de fertilizantes. Existem inúmeros impactos ambientais e sociais diretos e indiretos da atividade agrícola em nível, local e regional, o que gera transformações nas paisagens do bioma e nos modos de vida das populações tradicionais (VILELA, 2021).

Na página anterior, embarcações a vela e a motor no Porto de Barreiras. Ao lado, contemplação nos anos 60.
Fonte: Ignez Pitta



Rio Grande nos anos 70.
Fonte: Ignez Pitta



Em 1997, última vez em que vieram barcas até Barreiras, para vender peixes na Semana santa. Fonte: Napoleão Austregésilo de Macedo.

A cidade “polo regional”

A bibliografia regional constrói um discurso progressista sobre a cidade de Barreiras. Segundo o PDU de 2019, Barreiras se consolida como “Capital do Oeste da Bahia”, sendo o município com a maior “concentração habitacional, urbana, institucional, educacional, de equipamentos de saúde” da Região Oeste da Bahia. Entretanto, apesar do crescimento que experienciou nos últimos anos, a cidade ainda enfrenta problemas de infraestrutura urbana básica, como desigualdade de distribuição de equipamentos sociais, falta de infraestrutura pública de cultura e lazer, problemas de mobilidade viária, enchentes e alagamentos, dentre outros. Além disso, o apagamento do rio na vida cidadina é uma questão que perdura: Barreiras é uma cidade que nasceu do rio, mas não dá ao rio sua devida importância.

Foto Panorâmica de Barreiras. Fonte: Plano Setorial de Abastecimento de Água e Esgotamento Sanitário de Barreiras



Evolução da mancha urbana

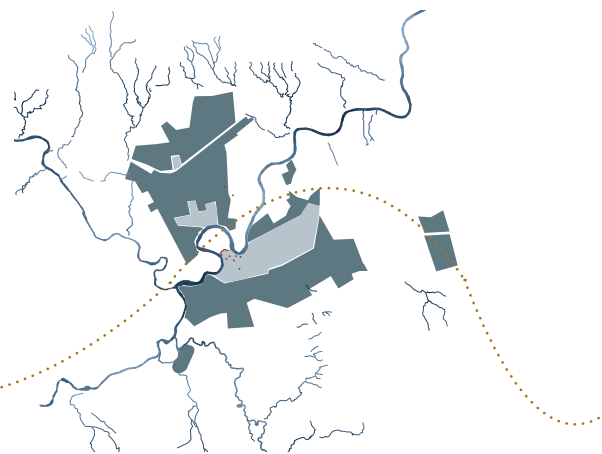
A urbanização de Barreiras influenciou o cenário regional. Três momentos são marcantes para o nascimento de Barreiras, o aumento do número de habitantes e o crescimento urbano. O primeiro fluxo de assentamento, marcado pelo **Rio Grande**, pela agricultura extensiva e de subsistência, não contribuiu para a concentração urbana expressa em termos de população, mas foi determinante na escolha do local e no nascimento da cidade (CARVALHO, 2013). O segundo momento de imigração decorrente da exploração da **mangabeira** foi diretamente responsável pelo desenvolvimento de Barreiras no século XIX. Por fim, na década de 80 a cidade presencia a transformação devido à modernização da **agricultura**.



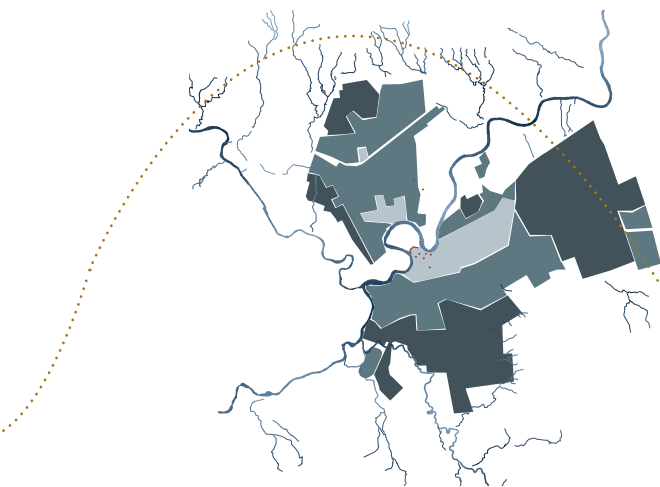
Os primeiros assentamentos estão ligados ao Rio Grande. No início, a economia foi impulsionada pela agricultura extensiva e de subsistência e o processo de crescimento do assentamento foi bastante lento. A exploração da mangabeira incentiva o crescimento do vilarejo, fundamental para que Barreiras alcançasse a emancipação em 1891. O Porto de Barreiras passou a ser amplamente utilizado para distribuição do produto e a aldeia se transforma em cidade. Em 1902, 11 anos após a municipalização, a cidade contava com 630 casas e 2.500 habitantes.

Até o final da década de 1960, a área do tecido urbano concentrava-se no centro histórico e uma pequena parte de Barreirinhas, na outra margem do rio. Entre 1950 e 1965, a população da cidade passou de 6.000 habitantes para 9.830, consolidando o distrito de Barreirinhas e demonstrando os primeiros sinais de crescimento periférico em direção ao atual bairro da Vila Brasil, longe do centro tradicional (CARVALHO, 2013).

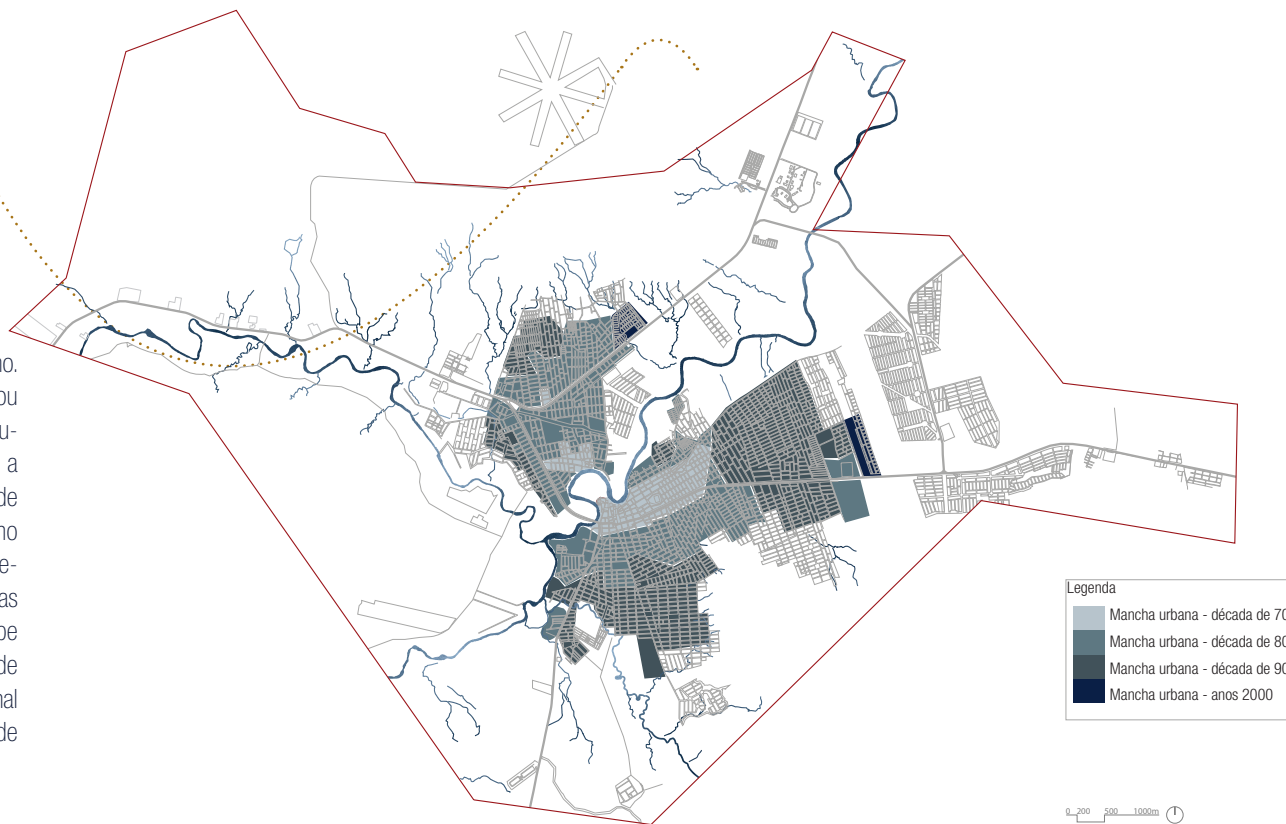
A principal característica desta primeira fase é uma forte ligação da cidade com o Rio Grande, sendo o porto o elemento central dos principais movimentos cidadãos.



O terceiro momento marcante de ocupação do solo foi definida pela modernização da agricultura. A mudança no sistema de transporte com a construção das principais rodovias interestaduais (as rodovias BR-020 e BR-242 ligam Salvador a Brasília e as rodovias BR-020 e BR-135 ligam Brasília a Fortaleza) quebram o isolamento regional e favorecem o a transformação do Oeste. Além das rodovias estaduais, rodovias intermunicipais também influem para que o rio perca sua função de transporte principal, o que consequentemente leva à evacuação de muitos assentamentos costeiros e o alastramento do crescimento urbano para além do rio. Entre 1970 e 1980 a cidade viu sua população crescer de 9831 para 30.055 habitantes. Além do ritmo de crescimento, a expansão da rede urbana é impulsionada pela proliferação de loteamentos urbanos (CARVALHO, 2013).



Na terceira fase, Barreiras assumiu o status de centro urbano. Cresceu rapidamente, adquiriu grande força regional, ampliou recursos movido pela economia agrícola e assim atraiu fluxos migratórios. Como consequência, a cidade presenciou a proliferação de comércios, indústrias e serviços, em grande parte associados à agropecuária e a intensificação do ritmo de construção urbana e da implantação de loteamentos. Devido à rápida e desordenada expansão, surgem problemas de tráfego, com veículos pesados circulando em meio à urbe e de ocupação de áreas protegidas. De 1990 até os dias de hoje, percebe-se a estabilização do crescimento populacional da cidade, ora influenciado pelo desenvolvimento da cidade vizinha de Luís Eduardo Magalhães (CARVALHO, 2013).



Evolução da Mancha Urbana da cidade de Barreiras. Produzido pela autora a partir do PDU 2019, disponibilizado pela Prefeitura.

Na próxima página, Cais Antigo e Praça da Igreja Matriz, respectivamente. Fonte: Ignez Pitta.





Leituras urbanas

A cidade de Barreiras é rica em recursos hídricos e por isso a leitura urbana começa pela compreensão de seus corpos d'água. Essa escolha coloca os rios no centro do território estudado, exaltando o seu caráter protagonista para o desenvolvimento do município. A forte relação com os corpos d'água é notada desde a fundação da cidade às margens do Rio Grande até a grande presença do rio no lazer dos barreirenses.

Barreiras está inserida na sub-bacia hidrográfica do Rio Grande, afluentes da margem esquerda do Rio São Francisco. A bacia do Rio Grande está localizada no Oeste da Bahia e conta com área total de cerca de 75 mil km², abrangendo 18 municípios. Em escala macro, a sub-bacia do Rio Grande representa 12,6% da área de drenagem do Rio São Francisco, sendo a sua maior sub-bacia (PEREIRA, 2004). É formada pelo Rio Grande e seus afluentes, sendo eles da margem direita, Rio dos Porcos, Rio São Desidério e Rio Tamanduá, e os da margem esquerda, Rio Branco, Rio de Ondas e Rio das Fêmeas. Os corpos d'água de Barreiras se apresentam no tecido urbano com seu curso meândrico original.

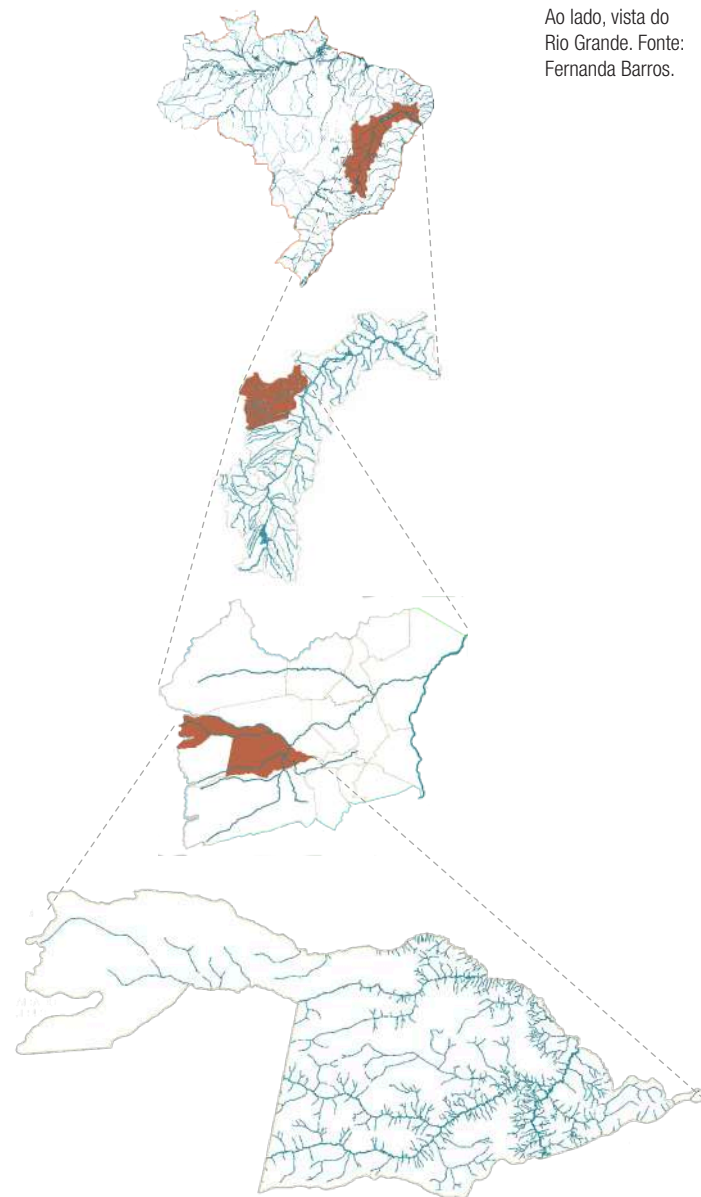
Barreiras caracteriza-se por uma rede de drenagem muito densa, com 90% de seu território ocupado por duas sub-bacias hidrográficas integrantes da bacia do Rio Grande: a bacia do Rio de Janeiro, que ocupa toda a parte norte do município e cuja maior parte parte está protegida pela Unidade de Conservação da APA do Rio de Janeiro; e a bacia do Rio de Ondas, que ocupa a parte central do território. Ambas estão situadas em áreas com predomínio de vegetação de Cerrado, bioma que exibe uma grande complexidade em nível de ecossistemas locais, alto grau de endemismo e elevada biodiversidade (EMBASA, 2010).

bacia do rio são francisco

sub-bacia do rio grande

localização do município de Barreiras dentro da sub-bacia do rio Grande

hidrografia do município de Barreiras



Ao lado, vista do Rio Grande. Fonte: Fernanda Barros.



Rio Grande

O Rio Grande sempre foi instrumento importante para o desenvolvimento econômico, político e cultural da cidade. Utilizado para navegação de barcos, canoas e jet-skis, banho e palco de festejos populares.

Às margens do Rio Grande está localizado o centro histórico da cidade, centro cultural, boêmio e de entretenimento, que concentra vários atrativos turísticos culturais como a Orla do Rio Grande, o Mercado Municipal Caparosa, o Edifício Sertaneja e o Centro Cultural Rivelino Carvalho. Ainda, localizado no Centro Histórico, estão o Museu Municipal Napoleão de Matos Macedo e a Igreja e Praça São João Batista.



Areiro e sua canoa.
Fonte: Caique Ebenezzer.



Canoas no Rio Grande.
Fonte: Caique Ebenezzer.



Passeio de jet-ski no Rio Grande.
Fonte: Caique Ebenezzer.

Nessa localidade, concentram-se importantes festejos tradicionais da cidade:

Iemanjá

O dia 02 de fevereiro é dedicado a Iemanjá. A festa anual é realizada no Rio Grande, reunindo centenas de pessoas paramentadas com vestes brancas que depositam oferendas para a homenageada no leito do rio.

Carnaval

O Carnaval Cultural é realizado no centro histórico de Barreiras, onde percorrem os blocos tradicionais. O Carnaoeste é o maior carnaval do interior da Bahia, contando com a participação de blocos animados por atrações vindas de todo o país.

Nazaro

Na noite de quarta-feira de cinzas ocorre o “Nazaro”, uma manifestação popular em que participantes saem, em cortejo fúnebre, vestidos em lençóis brancos pelas ruas do centro histórico de Barreiras para “enterrar” o carnaval na figura de “Nazaro”, um folião que morreu durante o festejo.

Parque de Exposições Engenheiro Geraldo Rocha e Exposição Agropecuária

Às margens do Rio Grande localiza-se o Parque de Exposições Engenheiro Geraldo Rocha, cuja construção iniciou-se em 1975. O parque possui grande área aberta e de uso público no coração da cidade, mas infelizmente carece de infraestrutura adequada.

Há cerca de 40 anos, ocorre no local a Feira Agropecuária de Barreiras, que conta com entretenimento artísticos, gastronomia, comercialização de produtos artesanais, cursos voltados para a economia rural e leilões de animais.

Circuito de Carnaval no Centro Histórico.
Fonte: Prefeitura de Barreiras.



Celebrações de Iemanjá no Rio Grande.
Fonte: Prefeitura de Barreiras.



Vista aérea da Feira Agropecuária de Barreiras. Fonte: Prefeitura de Barreiras.



O rio na cultura popular

A forte relação com o rio inspirou contos, personagens de folclore local, como o Fantasma de Fulô, personagem que teria vivido no entorno do cais entre as décadas de 60 e 80, e cantigas. Com o objetivo de melhor entender a cidade em estudo e a maneira como se relacionam pessoas e rios, parte do processo de leitura do território foi focalizado em reunir coletâneas de textos e imagens acerca dessa relação e da memória coletiva perante os corpos d'água.

O menino do cais
"lavadeiras pela manha
iam lavar roupas no rio
epoca de chuva ou de frio
sempre lá estavam elas
as vezes cantarolando
e os meninos brincando bem ali no meio delas
na outra margem do rio
via se os candueiros
com seus braços ligeiros
retirando aquela areia
alva como diamante
tinha valor importante aquela canoa tão cheia"

Zeca Ribeiro

"O rio Grande faz curvas
pra dar um abraço em Barreiras em forma de
coração.
Cada curva desse rio
é um pedaço de afeição.
O rio Grande faz curvas
pra poder ficar mais tempo
quando passa por Barreiras
cada curva desse rio
quer ser nossa companheira"

Ignez Pitta

O fantasma de Fulô
"Na mesma esquina
da Sertaneja,
um homem se entregava
não de bandeja;
entregava-se a quem
por ele lacrimeja.
Entregava-se
não como quem entrega
um buquê de flores;
entregava seus porquês
como um baque
o homem por nome Fulô
(...)
A vontade é tanta de ver Fulô
que a gente enxerga ele
nos outros
como alguém no quarto escuro
vê um vulto
no palitô abotoado num cabide
Não tem cabide que me convença
que esse de terno sujo
seja o dito cujo Fulô.
Tem cabimento ou não tem
um paletó posto num cabide
parecer uma pessoa?
Pois, então, se esse não for o Fulô,
que fiquei sendo.
Fixe-o na ideia,
que ele vai lhe aparecendo".

Clerbet Luiz

A importância do rio e de seus barqueiros para o desenvolvimento da cidade é incontestável. Assim, esse extrato se presta à exaltar essas figuras que fazem parte da história e cultura de Barreiras.

9º Poema

O Sr. Antônio Fernandes e sua barca Deusa do Rio Grande.

Como tinha a voz bonita e amava fazer serestas,
unindo a família e amigos, em noites de lua cheia,
o Sr. Antônio Fernandes! Sua lembrança permeia
o Rio Grande, em Barreiras, por onde ele navegava,
levando mercadorias: o que aqui se cultivava.
Entrava no São Francisco ali na cidade de Barra,
chegava até Juazeiro, onde, de lá carregava
a barca com tantos produtos, que trazia pra Barreiras

Ignez Pitta

CHICADA E A CANOA

Francisco Ayres da Silva, o popular Chicada, morava na fazenda Triunfo à margem direita do rio de Ondas, onde hoje é a Universidade do Oeste da Bahia (UFOB). Diariamente, Chicada ia ao centro da cidade em sua canoa, remada por Otaciano Othoniel Ayres.

Lá vem Chicada
chegando ao cais
de canoa.
Ele saiu de madrugada
da escuridão
de sua morada.
Depois de umas dez
curvas
e de mil remadas,
e a cor da lua
deixando a madrugada,
que afrouxa seu cinturão,
deixando aparecer
a tez da alvorada,
(...)

Clerbet Luiz

A conexão de suas margens

Ao lado, vista da ponte de madeira sobre o Rio Grande. Fonte: Ignez Pitta.

Separadas pelo Rio Grande, as duas margens de Barreiras se comunicavam através de canoas. Devido à necessidade de transportar pessoas, carros, carroças e animais de um lado para o outro, foi adotado o ajoujo, barco que se desloca sem motor ou a energia do vapor, pela força da correnteza do rio, ligado a um cabo de aço. Por muitos anos o ajoujo uniu as margens do núcleo urbano original. Na década de 1960, o então prefeito Aníbal Barbosa Filho construiu a primeira ponte de madeira sobre o Rio Grande, na área do Centro Histórico, o que possibilitava a transposição de pessoas e automóveis. Nessa mesma época, devido à intensificação do tráfego e da BR 242 que corta Barreiras, foi construída uma ponte de concreto como parte dessa rodovia. Somente na década de 1990, a antiga travessia de madeira no Centro Histórico foi demolida para dar lugar a uma outra ponte de concreto.

“E havia um forte sentimento de saudade da velha ponte”(Ignez Pitta).

Hoje a cidade conta com três pontes de travessia no Rio Grande e uma ponte de travessia no Rio de Ondas, e enfrenta diversos problemas de mobilidade urbana agravados nos pontos de cruzamento dos rios.

Saudade da velha ponte
Vamos andar pela ponte de madeira
com olhos de abraços, com passos contidos,
vamos olhar esse pedaço de Barreiras
como quem olha, em despedida, um ser querido...
Pois ali perto já se ergue a construção
da nova ponte de concreto, bem moderna.
a velha ponte será só recordação,
mas viva em nós, não morrerá, será eterna!
E o que dizer a essa ponte que murmura
seu choro e queixas para o rio, seu amigo?
Sua lembrança viva, em nós, está segura,
o nosso peito será seu eterno abrigo.

Ignez Pitta



Rio de Ondas

O Rio de Ondas é famoso por suas águas cristalinas, rápidas e espumantes, apropriadas para banho e muito utilizadas para a descida de bóia, de bote e de caiaque. Nas suas margens estão localizados clubes, balneários, chácaras e restaurantes. Como diz um ditado popular local, “quem se banha no rio de ondas, não quer mais ir embora de Barreiras”.

Hoje tomado por propriedades privadas, os únicos espaços públicos de lazer com certa infraestrutura à margem do Rio de Ondas são a região dos Três Bocas e a Prainha. A primeira recebe considerável fluxo de pessoas nos finais de semana, para banhos de rio e passeios de bote e bóia. Já a Prainha, é uma área utilizada pela população de menor renda. A região sofre com infraestrutura urbana e ambiental precária, visto que os bares foram instalados de forma desordenada bem próximos da margem do rio.

Lazer no Rio de Ondas.
Fonte: Prefeitura de Barreiras.



Tradicional descida de bóia no Rio de Ondas.
Fonte: Prefeitura de Barreiras.



Região dos Três Bocas.
Fonte: Prefeitura de Barreiras.



O Rio de Ondas

" O Rio de Ondas é um rio,
que tem ondas feito o mar.
Moleque, menino vadio,
a pular de pedra em pedra,
espuma branca de neve
debaixo do sol tropical.
O Rio de Ondas é o rio
do coração de Barreiras.
Por suas águas me guio,
nas velozes corredeiras.
Descer de boia este rio
é lazer dos barreirenses.
É o prazer e o desafio,
sobre as águas que vagueiam,
e as ondas que corcoveiam,
poder vencer a corrente.
Ondas, que embalam, puras e cristalinas,
ondas do Rio de Ondas, tão transparentes,
refletem o céu, refletem o sol,
são a identidade dos barreirenses.
tomar banho neste rio,
Ouvir seu som sobre as pedras,
reboando em desvario,
é higiene mental.
Nos faz bem ao corpo e à alma
deitar na beira do rio,
gozando o prazer e a calma
que sua correnteza traz.
Nas ondas do Rio de Ondas
encontrei a minha paz".

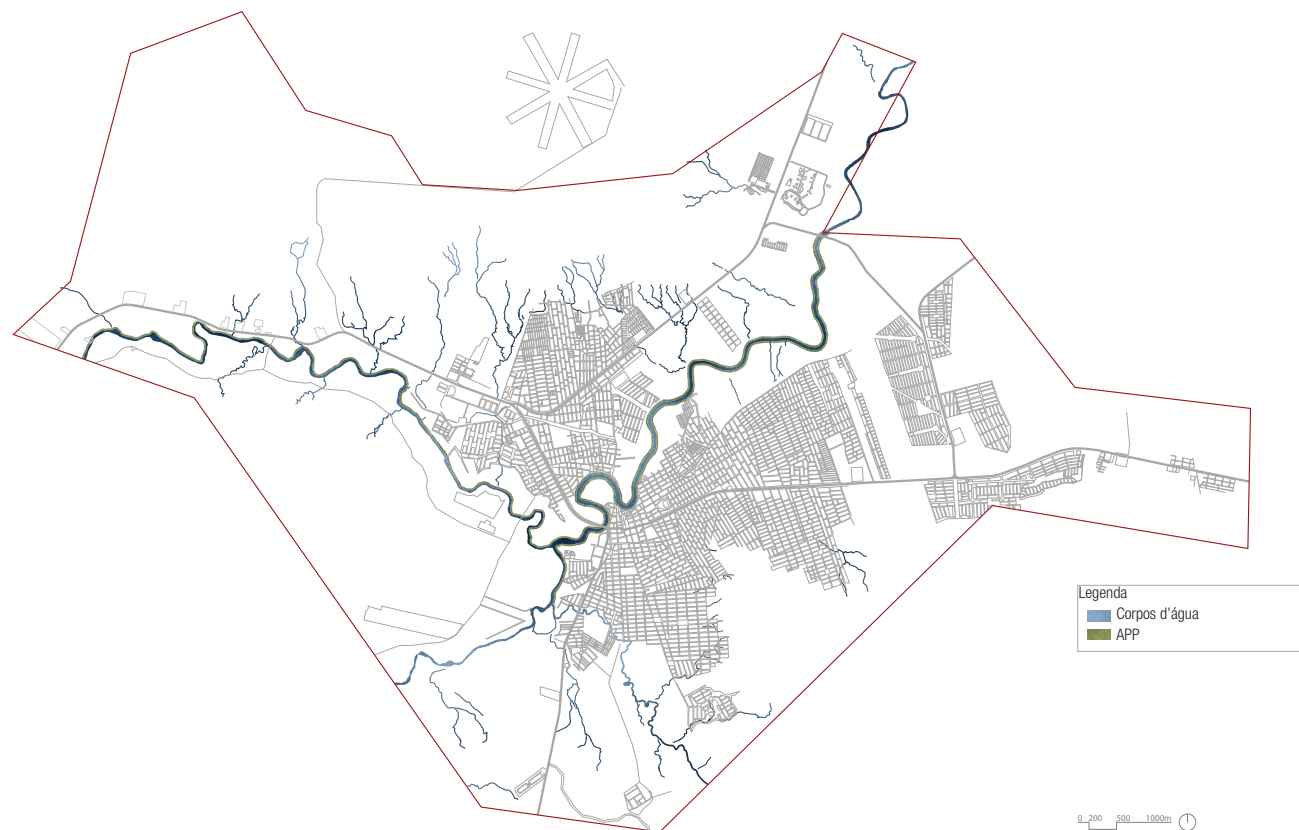
Ígnez Pitta

Rio de Ondas.
Fonte: Prefeitura de Barreiras.



Áreas de Proteção Permanente

O Plano Diretor de 2019 estabelece como Área de Proteção Permanente “faixa paralela a um curso d’ água, medida a partir da cota mais alta já registrada no curso d’água em épocas de inundação, perpendicular à sua margem, destinada a proteger as espécies vegetais e animais desse meio e a prevenir a erosão, sendo a faixa variável e regulamentada pela legislação federal, estadual e municipal relativa à matéria” (PDU,2019). Ao lado segue mapeamento das APP’s associadas aos cursos d’água da cidade.



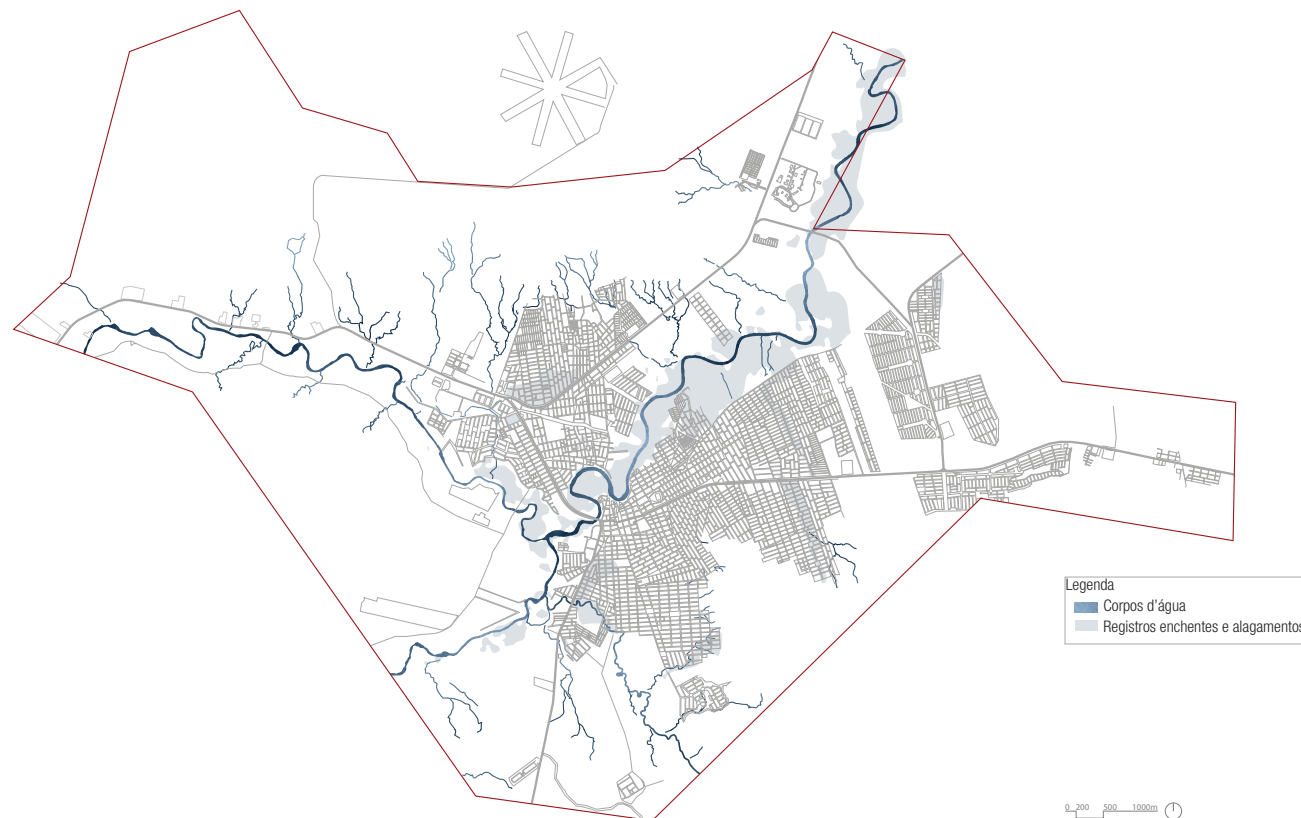
Áreas de Proteção Permanente da cidade de Barreiras. Produzido pela autora a partir do PDU 2019, disponibilizado pela Prefeitura.

Águas urbanas

Barreiras carece de um sistema integrado de esgotamento de águas pluviais. Existem soluções isoladas, em que os dispositivos de coleta superficial lançam as águas pluviais por meio da microdrenagem nos canais de macrodrenagem, que deságuam nos corpos receptores que, por sua vez, deságuam no rio Grande ou em seus afluentes (PDU,2019).

A cidade enfrenta periodicamente problemas com enchentes e alagamentos, decorrentes de um sistema de drenagem subdimensionado, associado à ocupação acelerada e desordenada da cidade, resultando em impermeabilização do solo urbano, à ocupação de APP's localizadas nas margens e nas áreas de vazão dos rios, onde durante o período de chuvas ocorrem as cheias, e o descarte de lixo urbano em vias, impedindo a eficiência do sistema de drenagem.

Ao lado segue mapeamento dos principais pontos de alagamento e enchentes de Barreiras, onde notam-se como pontos críticos áreas de APP's próximas aos rios, atingidas nas cheias históricas de 2016 e 2021 por exemplo, e bairros com problemas de alagamento como a Serra do Mimo, o Loteamento São Paulo, Morada da Lua e Santa Luzia.



Águas urbanas da cidade de Barreiras. Produzido pela autora a partir do PDU 2019, disponibilizado pela Prefeitura.

Densidade demográfica

Os locais mais adensados da cidade são, em sua maioria, bairros que foram ocupados inicialmente de maneira irregular, como o bairro mais populoso de Barreiras, Santa Luzia.

A baixa densidade demográfica é notada principalmente em loteamentos construídos recentemente e que ainda não foram totalmente ocupados, demonstrando vazios urbanos em loteamentos como Parque Verde, Parque da Cidade, Jardim Vitória, Cidade Nova e Jardins. Por sua vez, o núcleo urbano original apresenta média densidade.

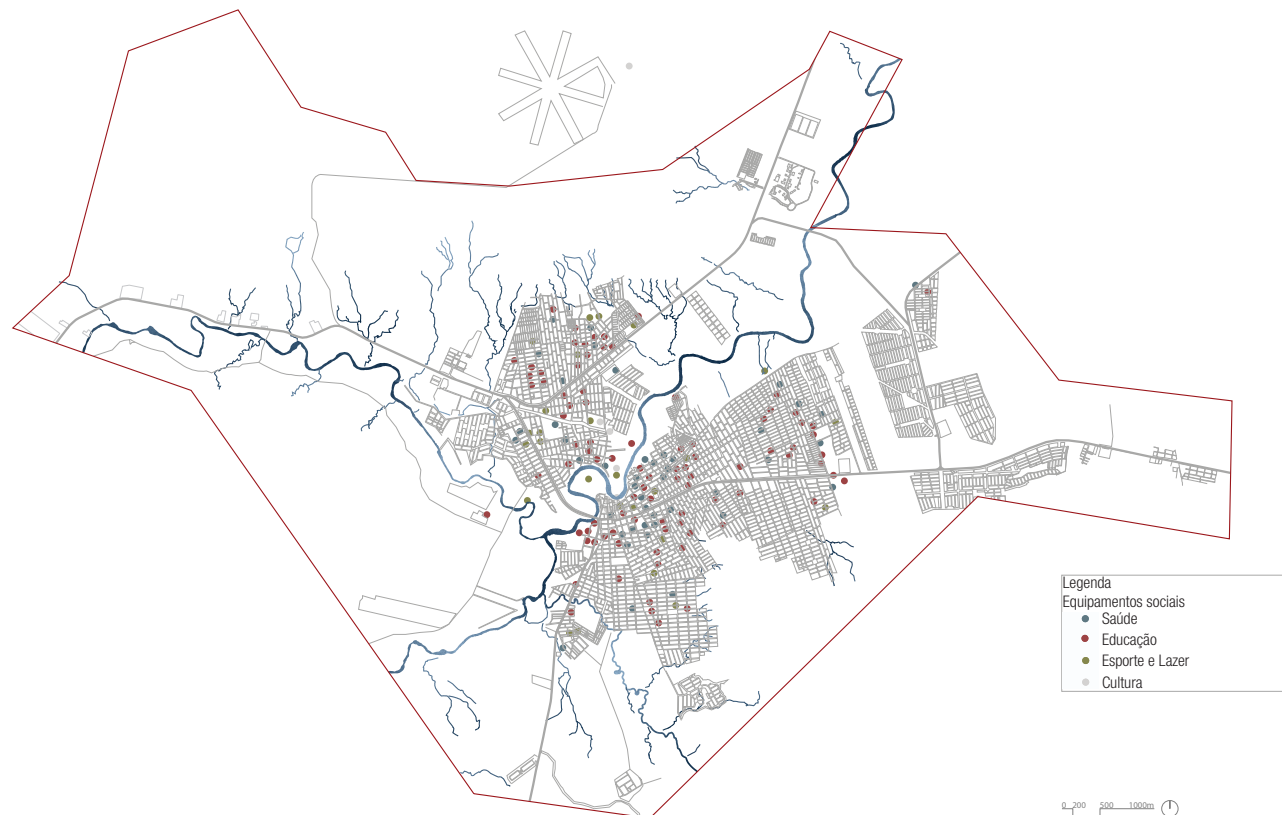


Densidade Demográfica da cidade de Barreiras. Produzido pela autora a partir do PDU 2019, disponibilizado pela Prefeitura.

Equipamentos sociais

É possível perceber que os equipamentos sociais concentram-se na região central da cidade. Sendo assim, zonas periféricas carecem de equipamentos básicos.

O Centro Cultural Histórico, local a partir do qual Barreiras se desenvolveu, concentra quase que a totalidade dos atrativos turístico culturais da cidade, como a Orla do Rio Grande, o Mercado Municipal Caparosa, o Edifício Sertaneja e o Centro Cultural Rivelino Carvalho. Ainda localizado no Centro Histórico estão o Museu Municipal Napoleão de Matos Macedo, a Igreja e Praça São João Batista e o Palácio das Artes. O Rio de Ondas e Rio Grande são as principais áreas de lazer da cidade. Nas suas margens estão localizados clubes, balneário e chácaras, em sua maioria de posse privada.

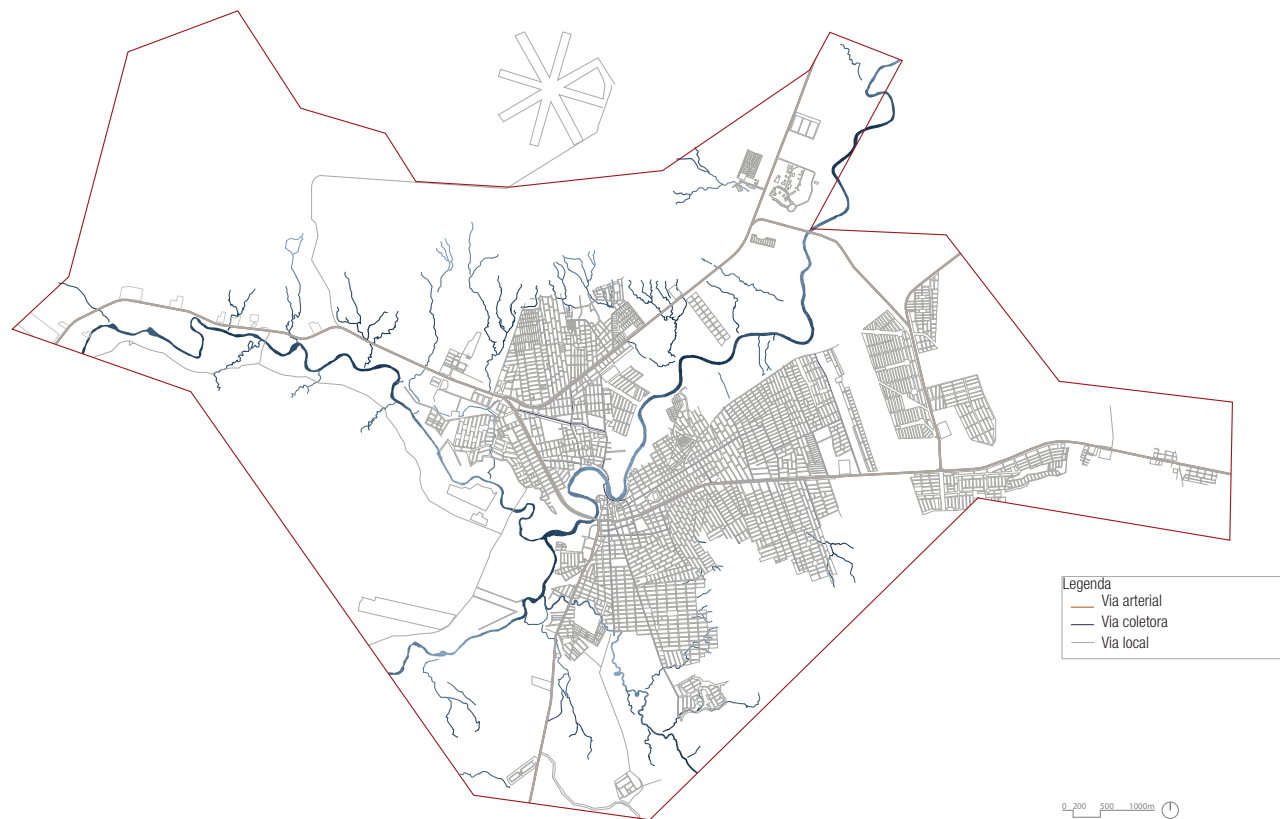


Distribuição de Equipamentos Sociais na cidade de Barreiras. Produzido pela autora a partir do PDU 2019, disponibilizado pela Prefeitura.

Hierarquia de vias

As rodovias BR-242 e BR-020 que cortam a cidade apresentam funções estruturantes, sendo consideradas vias arteriais. As vias coletoras são as ruas principais dentro dos bairros e, em sua maioria, são pavimentadas. Já as vias locais têm função apenas de acesso e são as que mais apresentam problemas de dimensões e pavimentação.

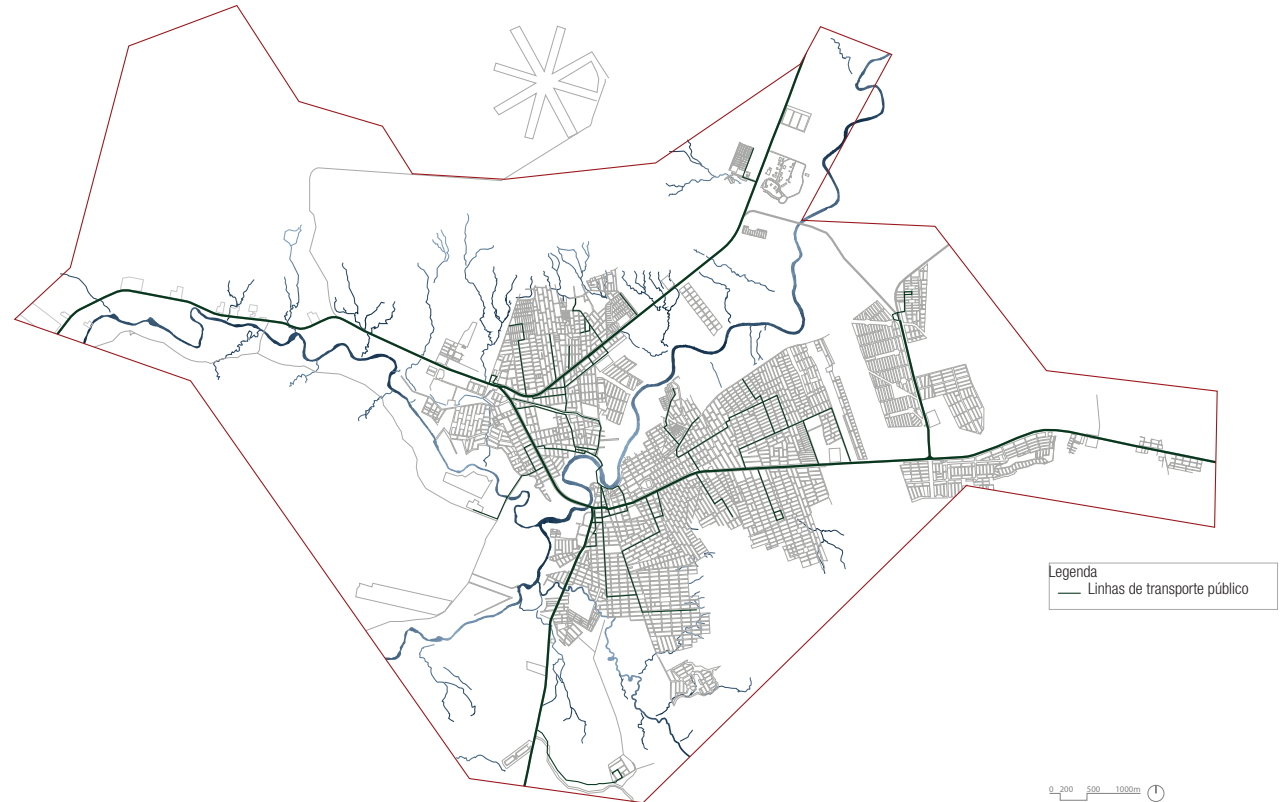
Notam-se ainda problemas de integração da malha viária, que apresenta descontinuidades no sistema. As rodovias e os rios, que atualmente funcionam como barreiras físicas a serem transpostas pela malha viária interna da cidade, trazem problemas para o tráfego de veículos e de pedestres.



Hierarquia de vias da cidade de Barreiras. Produzido pela autora a partir do PDU 2019, disponibilizado pela Prefeitura.

Transporte público

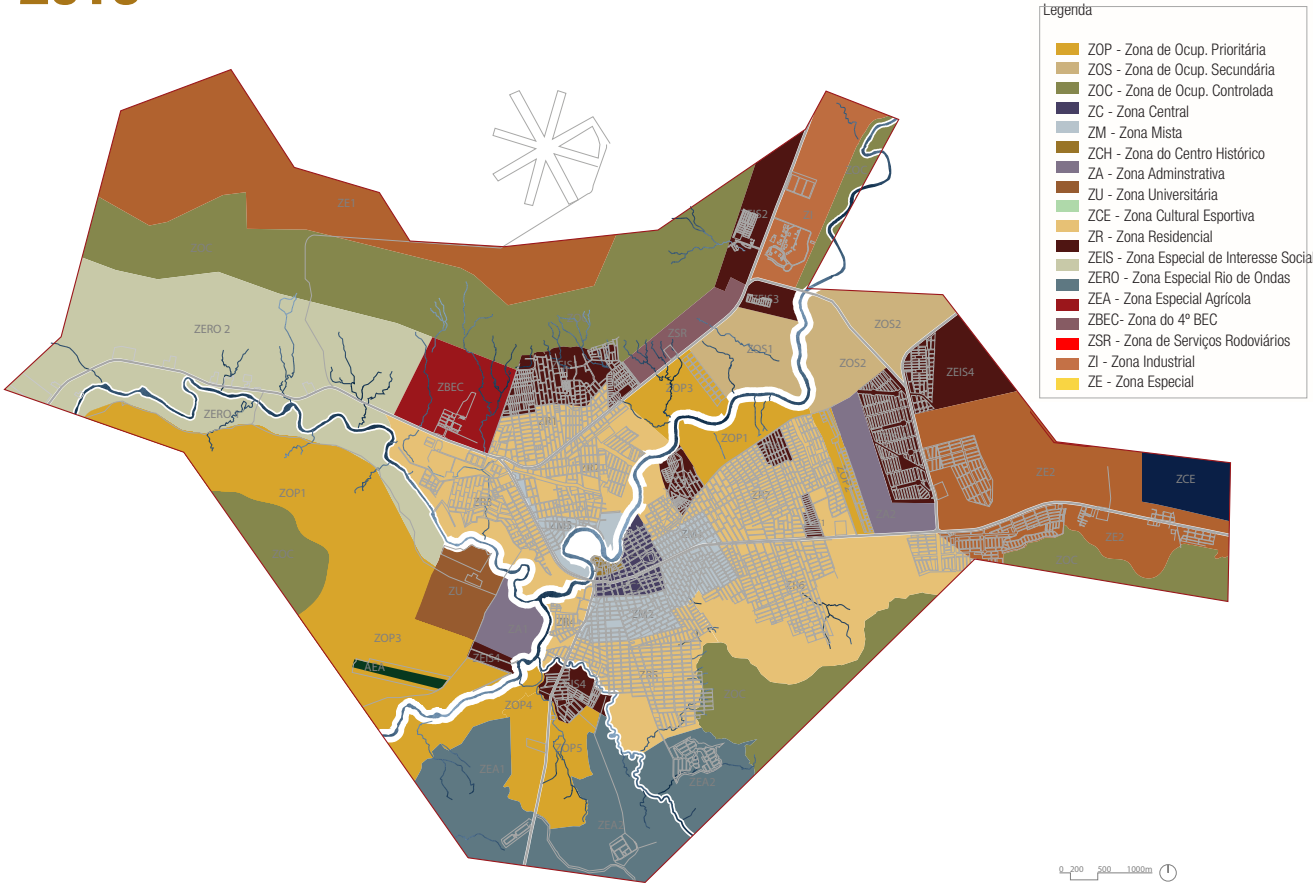
As linhas por onde circulam o transporte público estão atreladas às vias arteriais e coletoras da cidade. Dessa forma, regiões periféricas e áreas próximas às margens dos rios sofrem com a carência de transporte público.



Circulação de transporte público viário na cidade de Barreiras. Produzido pela autora a partir do PDU 2019, disponibilizado pela Prefeitura.

Plano Diretor Urbano de 2019

No Plano Diretor de 2019, foi sugerida uma zona Cultural Esportiva “destinada a abrigar predominantemente atividades que, por suas características únicas, como centros de convenção, grandes áreas e lazer, recreação e esportes, necessitem disciplina especial de uso e ocupação do solo”, a ser implementada na saída para Salvador. Entretanto, uma das premissas desse TGI é a acessibilidade indistinta e diálogo com os ricos recursos naturais existentes na cidade. Assim, considera-se inviável implementar o projeto em uma área tão longe do centro da cidade e de difícil acesso.



Zoneamento vigente a partir do Plano Diretor Urbano de 2019. Produzido pela autora a partir do PDU 2019, disponibilizado pela Prefeitura.

Foto de satélite de Barreiras. Fonte: Google Earth.





“ A ponte se estende lépida e forte sobre o rio.
Ela não junta as margens que já existem,
as margens é que surgem como margens
somente porque a ponte cruza o rio (...)
Com as margens, a ponte leva ao rio as duas
extensões de paisagem que se encontram
atrás delas. Põe o rio, as margens e a terra
numa vizinhança recíproca. A ponte junta a
terra, como paisagem, em torno do rio.”

Martin Heidegger

Cidade, homem, espaço

Homem e cidades constroem uma relação íntima, na medida em que estas dependem e surgiram devido à organização da nossa espécie. Apesar disso, o que se percebe hoje é uma produção urbana aliada ao capital e ao mercado, que leva os espaços urbanos a perderem sua dimensão pública e as sociabilidades que existem no viver em comunidade nas cidades.

Atualmente, verifica-se na cidade de Barreiras a valorização da esfera de vida privada, a partir de uma produção mercadológica de condomínios e loteamentos fechados, em detrimento do espaço urbano público e coletivo.

A faixa beira-rios, por exemplo, assiste o avanço de propriedades privadas enquanto sofre com a carência de espaços públicos qualificados que deem aos rios sua devida importância. A apropriação dos espaços públicos pela iniciativa privada pode originar áreas homogêneas e distanciadas das expressões de diversidade que poderiam se manifestar nesses locais (NETTO, 2012). A vida privada se ancora nos espaços edificadas, enquanto que a vida pública tem nos espaços livres públicos seu maior suporte físico-material. Em oposição à produção urbana mercadológica, os espaços livres desempenham papéis funcionais, ambientais, sociais e culturais nas cidades, representan-

do uma relação com o contexto urbano e as atividades nele desenvolvidas que é fundamental para a vivência da cidade (CUNHA, 2002). Os espaços públicos são os locais em que a vida cidadina acontece, permitindo o desenvolvimento de uma cultura e identidade características: o coletivo está assim intimamente ligado a esse espaço. Além de espaços de manifestação da cultura, são também locais de encontro e convívio, representando os ambientes de maior acessibilidade, de maior capacidade para receber a diversidade, a pluralidade e o imprevisto, que são características de uma esfera pública rica. É no espaço público que se constroem a história de uma cidade e uma memória coletiva.

Percepção, corpo e espaço

Para Merleau-Ponty (1945), o corpo é o centro da relação homem-mundo, o local onde ocorre e é sintetizada a percepção. O corpo seria o local onde a verdade nasceria e seria sensível a nós. Corpo e consciência estão juntos, sendo o primeiro responsável por sentir em primeira pessoa, enquanto a segunda cria as estruturas de mundo e paisagens através dos dados percebidos. A percepção é um modo de compreender o mundo, que abarca a resposta sensorial aos estímulos externos e o registro mental e emocional desta experiência, variando de acordo com cada indivíduo e sua cultura (TUAN, 1980). A partir da experiência perceptiva, o homem conhece e constrói a sua realidade, visto que não é possível apreender o mundo em sua essência, mas sim interpretá-lo através dos sentidos (TUAN, 1983). A cidade se revela como um corpo vivo: possui veias e artérias (as ruas e rios); pulmões (os parques e áreas verdes); um coração pulsante (o ser que o habita), exaltando as similaridades de complexidade de estrutura física e profundidade de suas dimensões sensíveis. Assim, fica claro que o corpo forma um sistema com o mundo (MERLEAU PONTY, 1999). Essa ideia é absorvida por Juhani Pallasmaa, arquiteto e crítico finlandês, que tece em seu livro “Os olhos da pele” as relações entre os corpos que

habitam e o espaço existente, desvelando uma experiência simbiótica entre corpo e cidade. Segundo o autor, nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o mundo, o que ocorre por meio da captação e reação dos diferentes sentidos, de forma a dar dados suficientes para a consciência criar estruturas e paisagens. A relação indivíduo-espaço é uma experiência que extrapola a percepção física e o presente, que permite imaginação para o futuro e recordação do passado. Entretanto, existe uma predileção por uma experiência de mundo captada apenas pela visão, o que se percebe também no fazer arquitetônico: segundo Pallasmaa, “as edificações se tornaram produtos visuais desconectados da profundidade existencial e da sinceridade”. Segundo Abbud, a paisagem é a única em que os cinco sentidos participam. Aguçar os sentidos, seria então aproximar homem-natureza, o que traz à tona novamente a discussão do espaço público como elemento potencializador do indivíduo e da coletividade. A apreensão da realidade pode ocorrer através da apropriação, em que o sujeito “se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa, criando um lugar seu” (CAVALCANTE; ELIAS, 2011, p. 63). Esse processo é fundamental na interação pessoa- espaço, ao permitir que marcas e significados

sejam impressos e auxiliem na orientação e preservação da identidade. Assim, tanto o sujeito se projeta no espaço quanto o espaço se introjeta no sujeito

Primeiro recorte

sistema urbano às margens do Rio Grande

Diante da leitura urbana exposta no capítulo 01, e tendo em vista toda as experiências, memórias e percepções vivenciadas na cidade, surgem questionamentos sobre o potencial que Barreiras, seus rios e espaços livres apresentam. Seis problemáticas são ressaltadas:

- o problema de mobilidade viária que Barreiras enfrenta, exemplificado nos poucos pontos de transposição do rio existentes e no tráfego intenso nas pontes, em regiões de transição entre as margens do Rio Grande e nas vias arteriais da cidade;
- a segregação socio espacial decorrente da gritante desigualdade social da cidade e necessidade de conectar bairros de baixa renda com centralidades;
- a concentração de equipamentos sociais na região central da cidade;
- a necessidade de proteger Áreas de Preservação Permanente ao longo do rio e barrar o avanço desordenado da mancha urbana para essas áreas;
- a demanda por espaços coletivos de lazer beira-rio, hoje tomado em sua maioria por espaços privados.
- o apagamento do rio no contexto urbano e a necessidade de devolvê-lo à memória coletiva.

A partir dessas problemáticas, sugere-se a instituição de um sistema urbano que tem como intuito principal fornecer para a cidade de Barreiras um **sistema de espaços livres associados a equipamentos sociais de educação, cultura e lazer, conectados pela mobilidade ao longo do Rio Grande**. Os rios assumem um papel de eixo axial para o desenvolvimento do projeto. O primeiro grande gesto do projeto é devolver ao Rio Grande o seu caráter histórico de mobilidade fluvial. Objetiva-se integrar a cidade por meio do rio e **devolver o rio à memória coletiva**, retomando seu significado e história e incentivando o contato emocional e físico com a água. Por meio do Rio Grande, acessam-se **quatro** importantes áreas de preservação ambiental e equipamentos públicos, conectando duas áreas de Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), o Centro Histórico e a área de encontro do Rio Grande e do Rio de Ondas. É válido ressaltar que em cada área, além dos equipamentos listados a seguir, sugere-se a implementação de pontes de travessia de pedestres sobre o rio, como forma de conectar margens, rios e pessoas. Com o objetivo de melhor entender os espaços em estudo, foram realizadas visitas às quatro áreas do sistema em Julho de 2022, e as fotografias aéreas serão expostas a seguir.

Localização das quatro áreas integrantes do sistema urbano. Produzido pela autora.

Área 04

sistema urbano às margens do Rio Grande





Área 04

sistema urbano às margens do Rio Grande

A área 04 é uma zona de habitação de interesse social próxima à Zona Industrial e ao anel viário da cidade, o que gera um trânsito intenso de veículos pesados. Além disso, em visita à área foi possível perceber os altos ruídos decorrentes do trânsito e da atividade industrial e a poeira advinda de uma indústria de concreto. É distante da mancha urbana mais adensada e, conseqüentemente, de equipamentos comunitários básicos (educação, saúde, esporte e lazer e cultura). É uma zona não alagadiça. Para essa área sugere-se a implantação de um parque ambiental dotado de um centro comunitário, para atender as necessidades básicas da população ali existente, bem como fornecer áreas verdes qualificadas.

Localização da área 04. Modificado pela autora a partir de imagem retirada do Google Earth.



Área 03

sistema urbano às margens do Rio Grande





Área 03

sistema urbano às margens do Rio Grande

A área 03 também é uma zona de habitação de interesse social. Em visita à área, foi possível perceber a discrepância entre a zona analisada e a outra margem do rio, em que se percebem residências de classe média-alta e mais dinamismo de comércio. Ressalta-se também a proximidade com uma estação de tratamento da EMBASA (Empresa Baiana de Águas e Saneamento). Distante de equipamentos comunitários básicos (saúde, esporte e lazer e cultura), existe apenas uma Escola Municipal próxima a esse núcleo. É uma zona alagadiça. Por conta dessas características, sugere-se a implantação de um parque ambiental com caráter esportivo e de lazer, com funções de drenagem urbana.

Localização da área 03. Modificado pela autora a partir de imagem retirada do Google Earth.



Área 02

sistema urbano às margens do Rio Grande





Áreas 02 e 01

sistema urbano às margens do Rio Grande

A área 02 é Zona Cultural Histórica e Central. Núcleo urbano original do município, concentra equipamentos culturais e está próxima de uma gama de equipamentos comunitários básicos (saúde, esporte e lazer e cultura). É Zona alagadiça. A área apresenta um caráter bastante popular, devido à vasta oferta de comércios e serviços beira-rio, além de ser ponto de comemorações e eventos culturais (festa de Iemanjá, Carnaval, Lavagem, Nazaro, etc). Assim, sugere-se a implantação de um parque ambiental com função de drenagem e espaço de eventos comunitários.

Por fim, a área 01 se enquadra como Zona Residencial 03. É próxima de equipamentos de educação em ambas as margens. É uma zona parcialmente alagadiça. De posse privada, o terreno atualmente encontra-se sem uso. Existe um projeto para a implementação de um loteamento residencial de alto padrão, em espera para ser aprovado. Para essa área, sugere-se a implantação de um parque ambiental cultural. Essa é a área de intervenção escolhida e será qualificada a seguir.

Localização das áreas 01 e 02. Modificado pela autora a partir de imagem retirada do Google Earth.

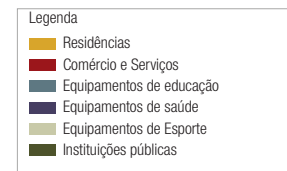


Segundo recorte

área de intervenção

A partir da análise do terreno e do entorno, foi possível perceber que a área de intervenção apresenta-se como uma importante **zona de transição**.

Representa um vazio urbano em meio a áreas de média e baixa densidade e localiza-se em uma zona ainda em expansão da mancha urbana da cidade, o que como consequência, leva ao descolamento entre terreno e entorno. Além disso, percebe-se a desconexão entre as duas margens do rio, interligadas apenas pela ponte Aylon Macedo. Cercada em sua maioria por residências horizontais, nota-se uma distinção no perfil socioeconômico das duas margens: enquanto a margem banhada pelo Rio Grande caracteriza-se por residências de classe média-baixa, a margem banhada pelo Rio de Ondas tem grande concentração de residências de classe média-alta. Vale mencionar a proximidade de centros educacionais importantes em ambas as margens: os dois campus da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), colégios estaduais, municipais e particulares de ensino fundamental e médio, e o Instituto Federal da Bahia (IFBA).



Mapas de cheios e vazios e uso do solo. Produzidos pela autora a partir do Google Earth.

Em relação às características naturais do terreno, percebe-se que o mesmo apresenta pouca declividade. Além disso, o terreno representa uma área verde importante para a cidade, inserida no bioma Cerrado, e seus corpos d'água, ainda mais devido ao fato de ser uma área parcialmente alagadiça. Por fim, a partir da análise da cidade no software EpView, constatou-se que predominam os ventos do quadrante Nordeste na estação chuvosa e do quadrante Sudoeste na estação seca.

A seguir, imagens aéreas do terreno, fotografado em dois momentos distintos: em Março e em Novembro, no início do período de chuvas.

Quadro sintético

Fragilidades

- áreas de alagamento
- acesso
- desconexão entre duas margens
- deslocamento entre terreno e entorno

Potencialidades

- paisagem única próxima aos rios
- proximidades com centros educacionais
- áreas verdes
- navegação
- transição

Área de Intervenção





Área de Intervenção





O projeto: parque cultural ambiental

Ponto final de um percurso fluvial, o parque estrutura-se como um grande espaço de respeito e imersão na natureza, na arte e no lazer e nos rios. As intervenções propostas no espaço buscam propiciar o explorar, o chegar, o permanecer, o contemplar, o ativar e o pertencer:

- Explorar: promover através do cruzamento do rio, do parque e do edifício experiências distintas do corpo, da arte e da natureza.
- Chegar: criar um ambiente democrático de livre acesso, tanto por rio quanto por terra;
- Permanecer: conceber um espaço que favoreça o “estar” dos cidadãos e que se integra ao cotidiano barreirense;
- Contemplar: os rios, a paisagem, a cidade e as serra;
- Ativar: possibilidade de fomentar diversas funções criadas pelos próprios usuários;
- Pertencer: um espaço criado para os barreirenses explorarem sua identidade enquanto comunidade e indivíduos.

A implantação dispersa visa criar uma experiência de imersão. O deslocar-se é ponto chave para o projeto, um passeio exploratório pela paisagem. Com a premissa de gerar inserção e comunicação com a natureza e paisagem, os edifícios foram pulverizados no território de forma a ocupar as margens, articulando assim cidade e paisagem. Quatro volumes espalham-se pelas margens: um pavilhão de memória fluvial, dedicado à história do rio e dos seus navegantes; um terminal fluvial, que fornece infraestrutura de mobilidade; um centro cultural-mirante, que abriga atividades de experimentação artística; e um edifício de banho, que traz infraestrutura pública para o principal lazer dos barreirenses. São as edificações os pontos-chave da transição da escala urbana para a escala do terreno. É importante ressaltar que devido aos históricos de alagamento na cidade, os edifícios foram implantados ora nos pontos altos do terreno ora elevados do nível.

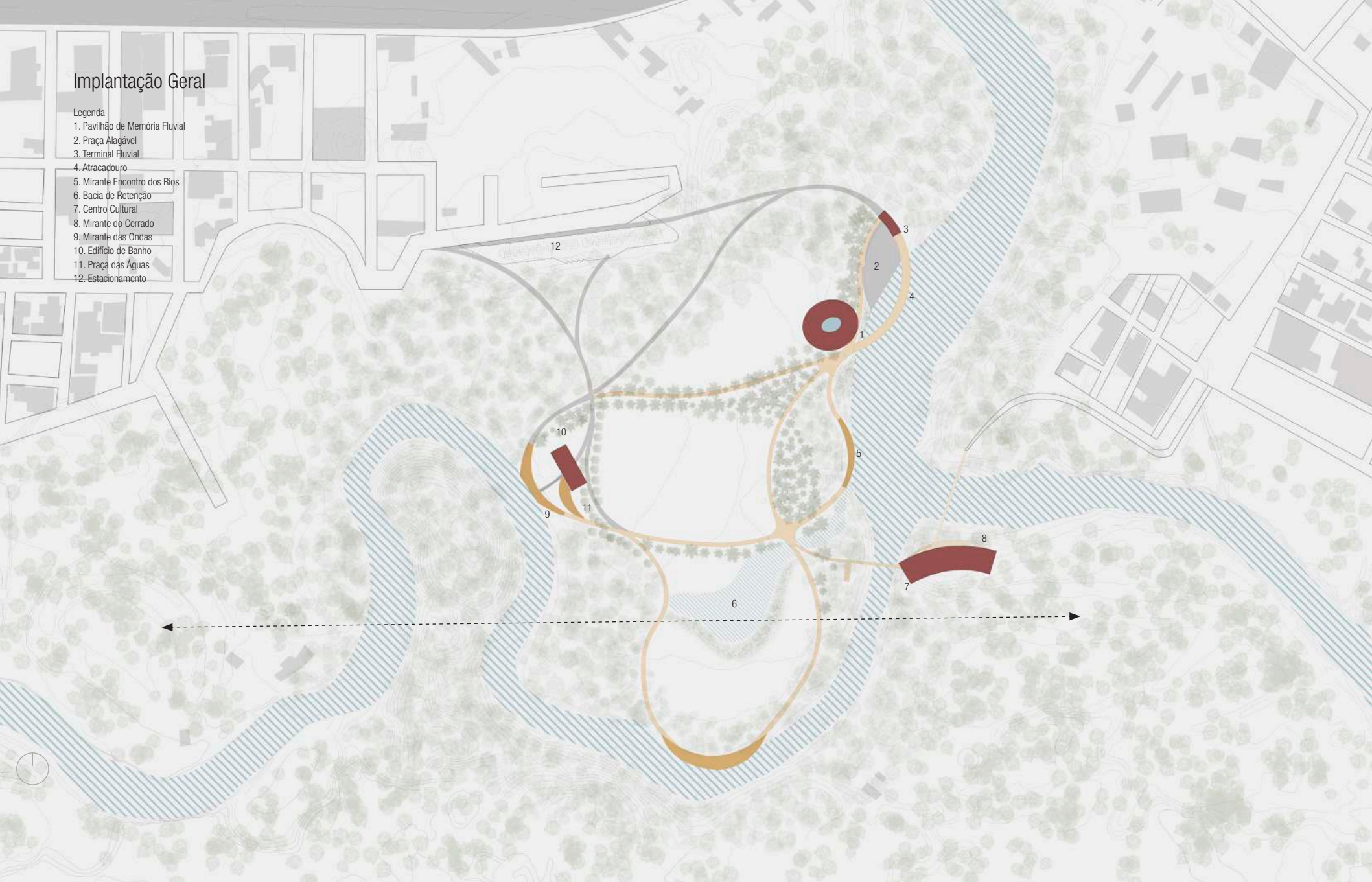
Corte Geral



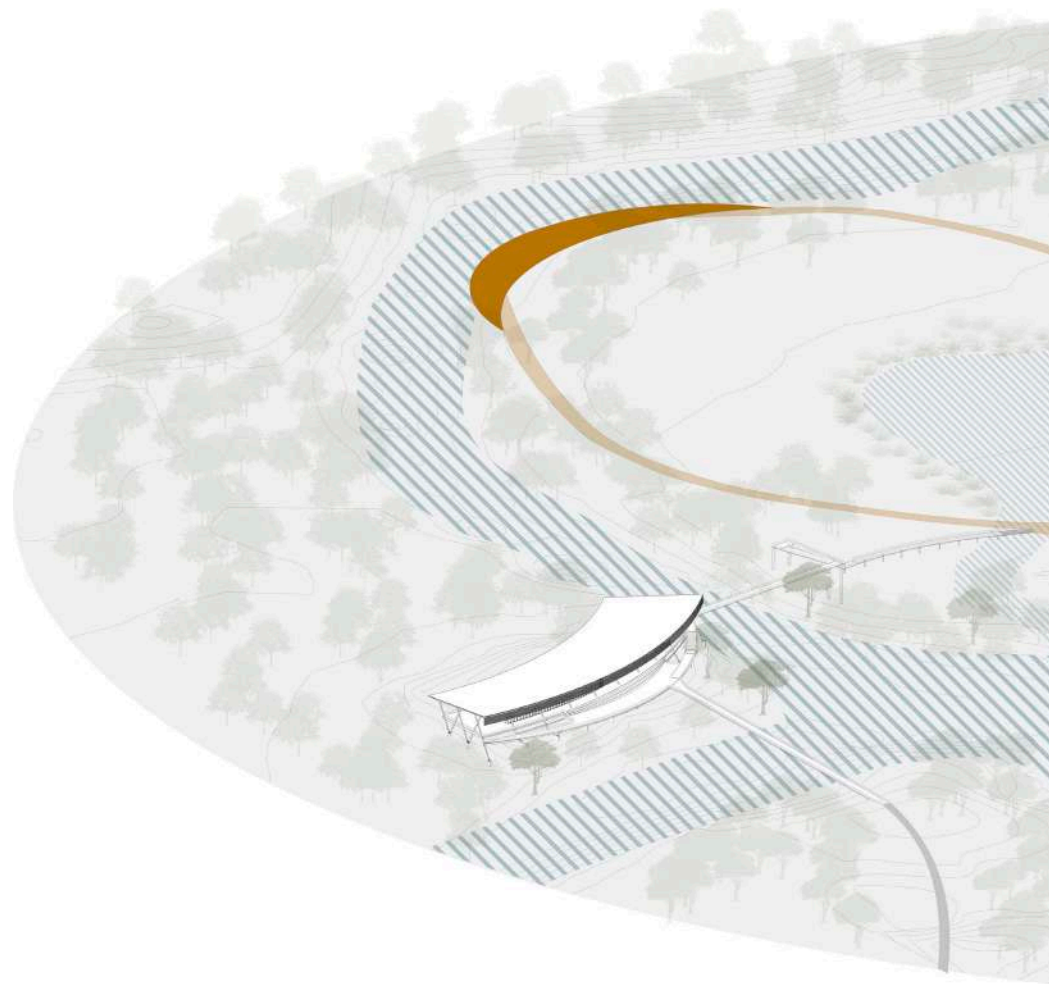
Implantação Geral

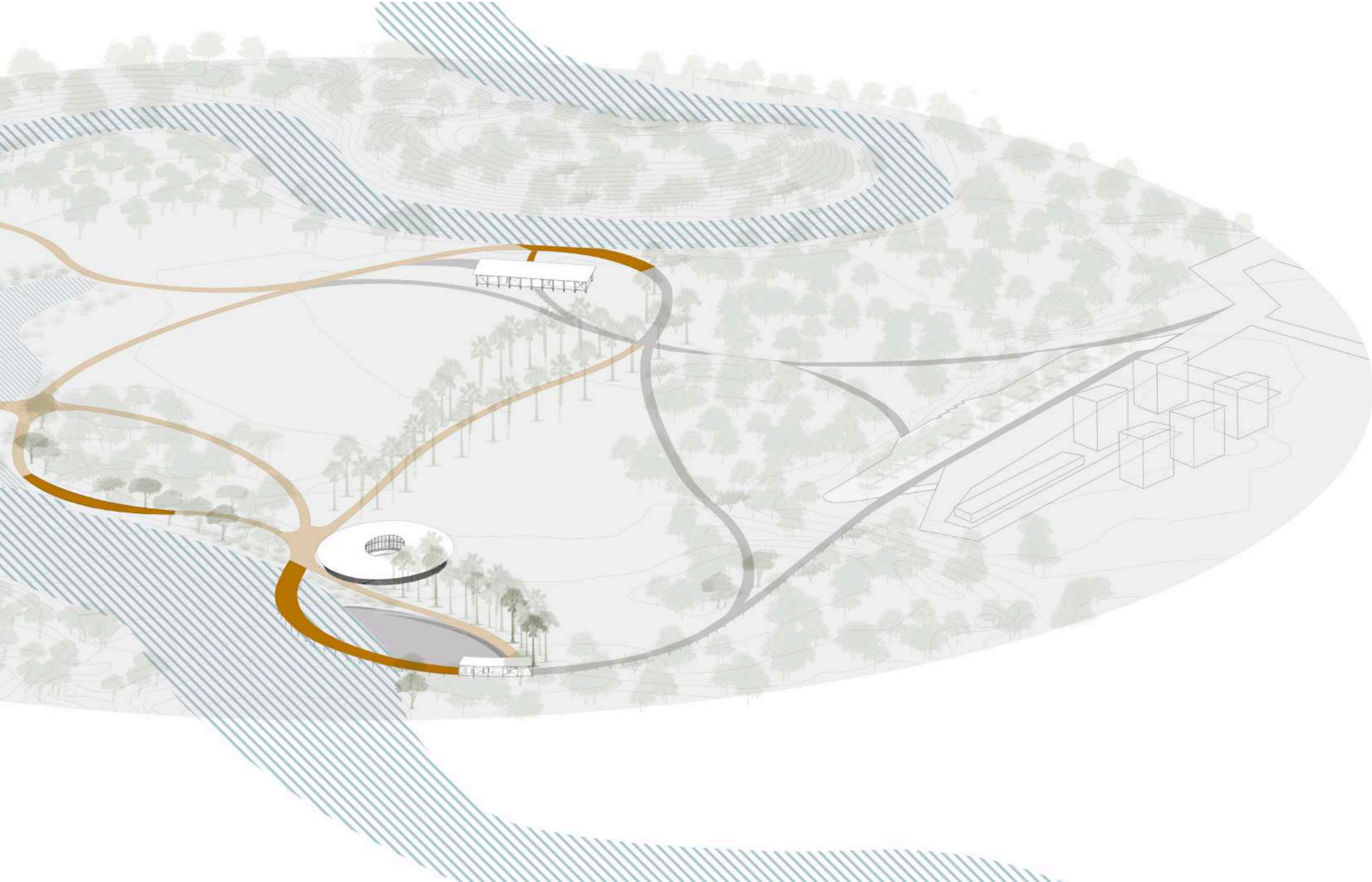
Legenda

1. Pavilhão de Memória Fluvial
2. Praça Alagável
3. Terminal Fluvial
4. Atracadouro
5. Mirante Encontro dos Rios
6. Bacia de Retenção
7. Centro Cultural
8. Mirante do Cerrado
9. Mirante das Ondas
10. Edifício de Banho
11. Praça das Águas
12. Estacionamento



Por sua vez, o parque recebeu diretrizes gerais, preservando ao máximo a paisagem exuberante original. Pequenas intervenções com plantas nativas do cerrado foram escolhidas para marcar o chegar no atracadouro e a conexão entre edifícios: as palmáceas brasileiras (macaúba, gueroba, babaçu e buriti) são os elementos que trazem verticalidade e marcam o território à distância. A segunda camada do artificioso é formada por arbustos e gramíneas dos campos sujos do cerrado, que fazem a forração do atracadouro e marcam a clareira central do terreno. É nesse grande campo aberto que existe outro gesto marcante da paisagem, uma bacia de retenção, a fim de mitigar os efeitos das fortes chuvas que acometem a cidade e construir uma paisagem mutável ao longo do ano. Os caminhos meândricos constroem os percursos como experiência de imersão e exploração do terreno, ao mesmo tempo em que conectam os volumes. A riqueza da paisagem orientou a implantação e permeabilidade dos edifícios, o que quebra os limites interior-exterior, cria vistas para a paisagem e otimiza a entrada de luz e ventilação naturais.



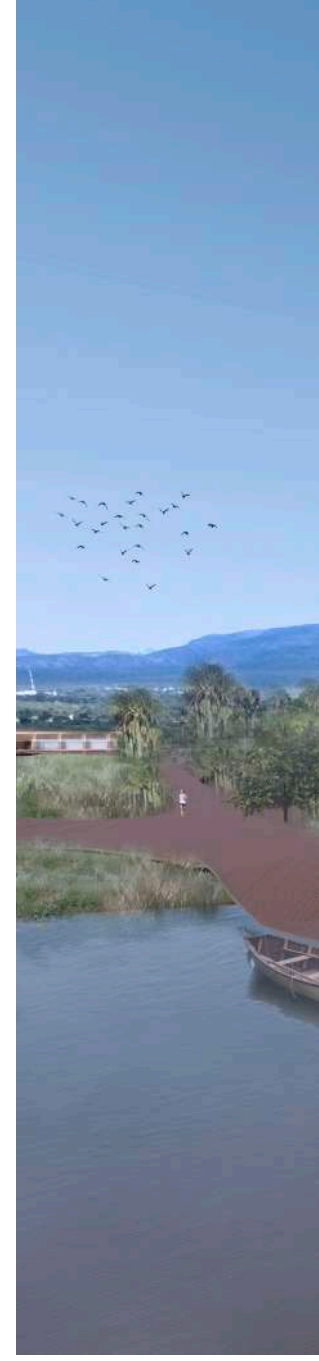






O atracadouro

A experiência do usuário no espaço começa no desembarcar do rio, por meio de um atracadouro que pousa delicadamente sobre as águas do Rio Grande. Nesse complexo, repousam dois edifícios: um pavilhão de memória fluvial e um terminal fluvial, conectados por uma praça com nível alagável e que permite distintos usos: uma grande arquibancada de contemplação do rio, um espaço para eventos comunitários ou um patamar em que o rio pode adentrar.





Pavilhão de Memória Fluvial

A água é o condutor no percurso e na exploração do Pavilhão de Memória Fluvial, dedicado à memória dos rios e seus navegantes, com exposições permanentes de fotos e barcos. Um fio d'água reproduz o nascimento do Rio Grande a partir do São Francisco, e é ele que convida o usuário a adentrar o espaço. Nas salas expositivas, esse espelho emerge e faz parte da exposição. O percurso termina com a cabine da memória, um espaço em que o usuário ajuda a construir a exposição a partir de suas memórias, depoimentos e imagens. No mezanino, existe um grande espaço multiuso que pode abrigar exposições, além de um espaço de estudo coletivo e um café. O pavilhão possui ainda um espelho d'água interno, que pode ser utilizado como espaço expositivo.



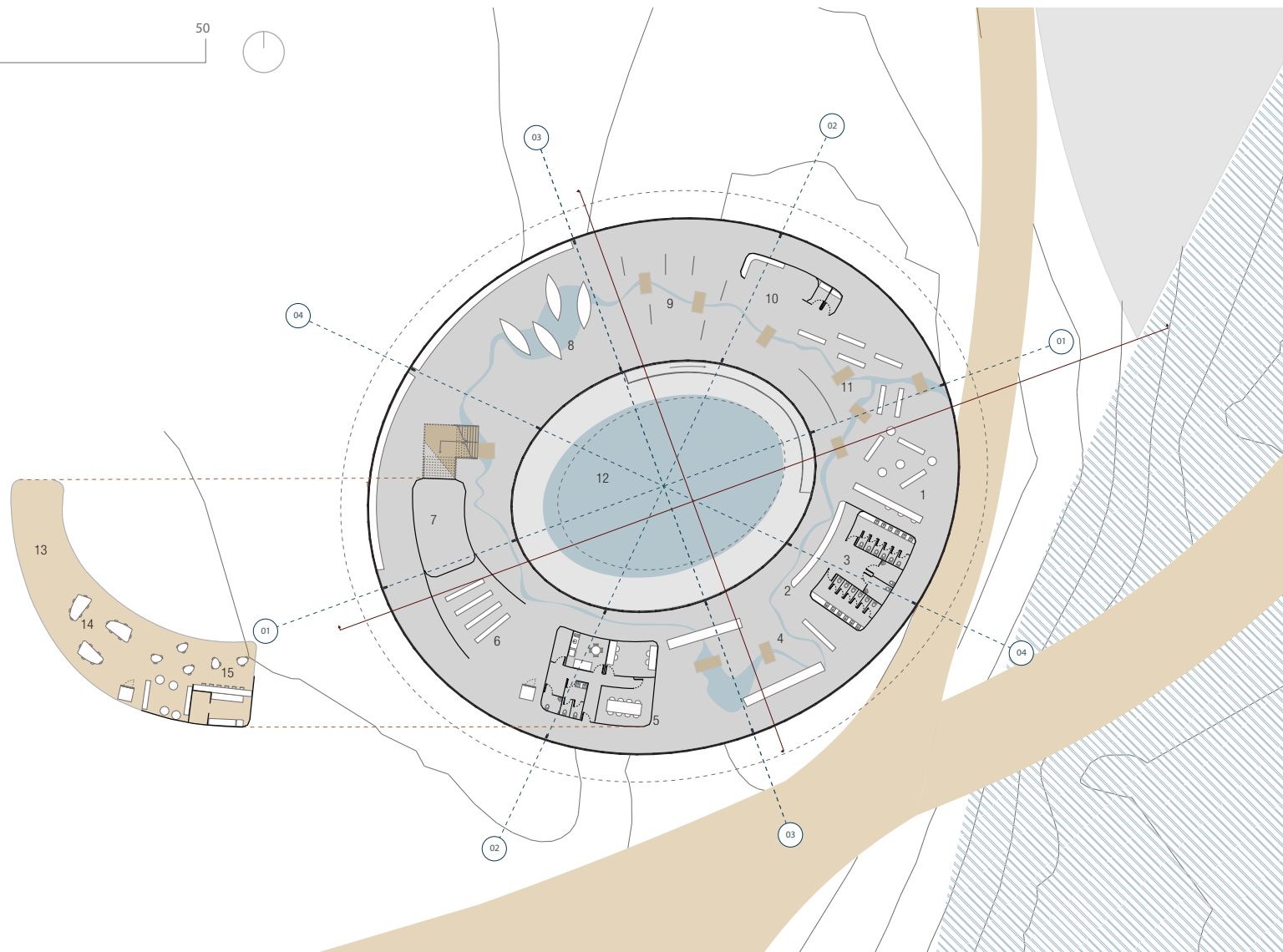
Pavilhão de Memória Fluvial

Legenda

1. Lounge de Recepção
2. Armários
3. Banheiros
4. Espaço de Exposição
5. Administração
6. Sala de Projeção
7. Reserva Técnica
8. Espaço de Exposição
9. Espaço de Exposição
10. Cabine da Memória
11. Espaço Educativo
12. Espaço de Exposição

Mezanino

13. Espaço Multiuso
14. Espaço de estudo
15. Café

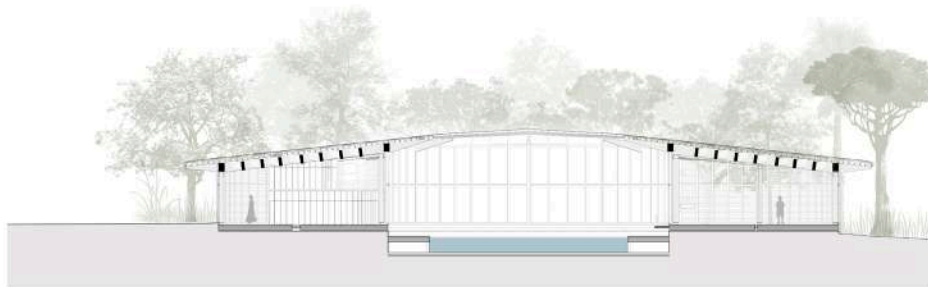


Pavilhão de Memória Fluvial

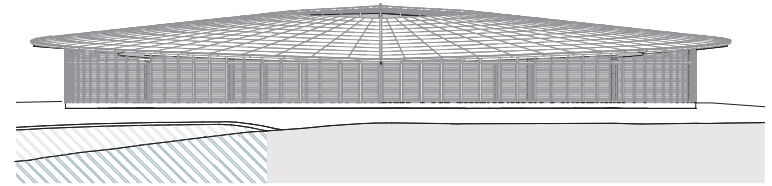
Corte Longitudinal



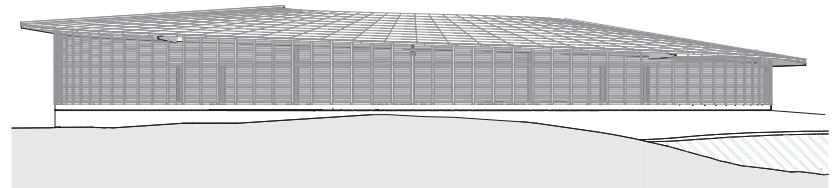
Corte Transversal



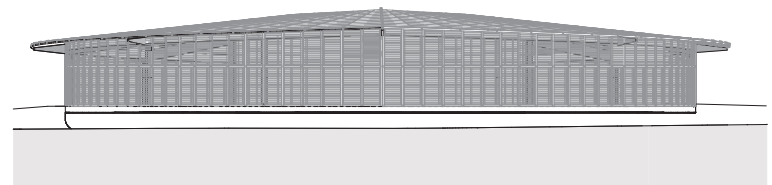
Elevação Frontal



Elevação Lateral



Elevação Posterior

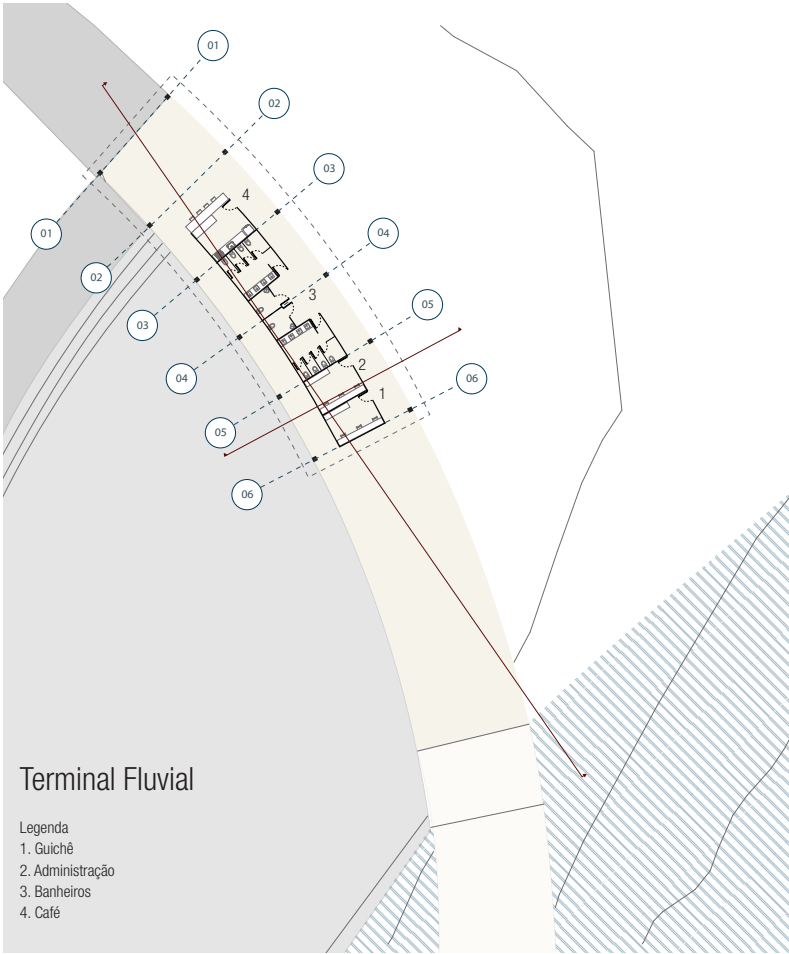






Terminal Fluvial

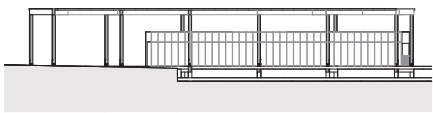
O volume fornece infraestrutura urbana para o transporte fluvial, sendo composto por guichês para eventuais vendas de bilhetes, administração, banheiros e café.



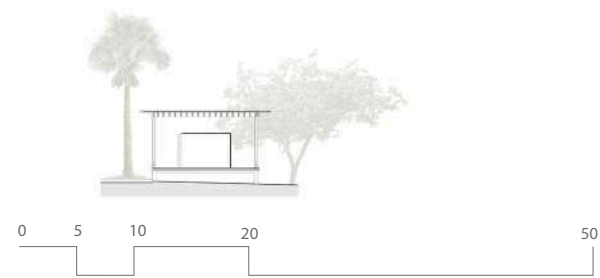
Corte Longitudinal



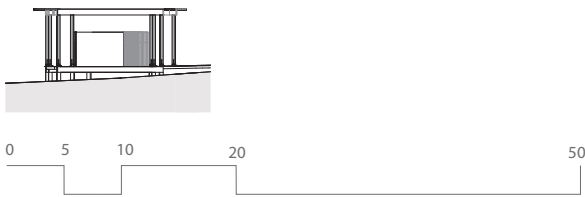
Elevação Lateral



Corte Transversal

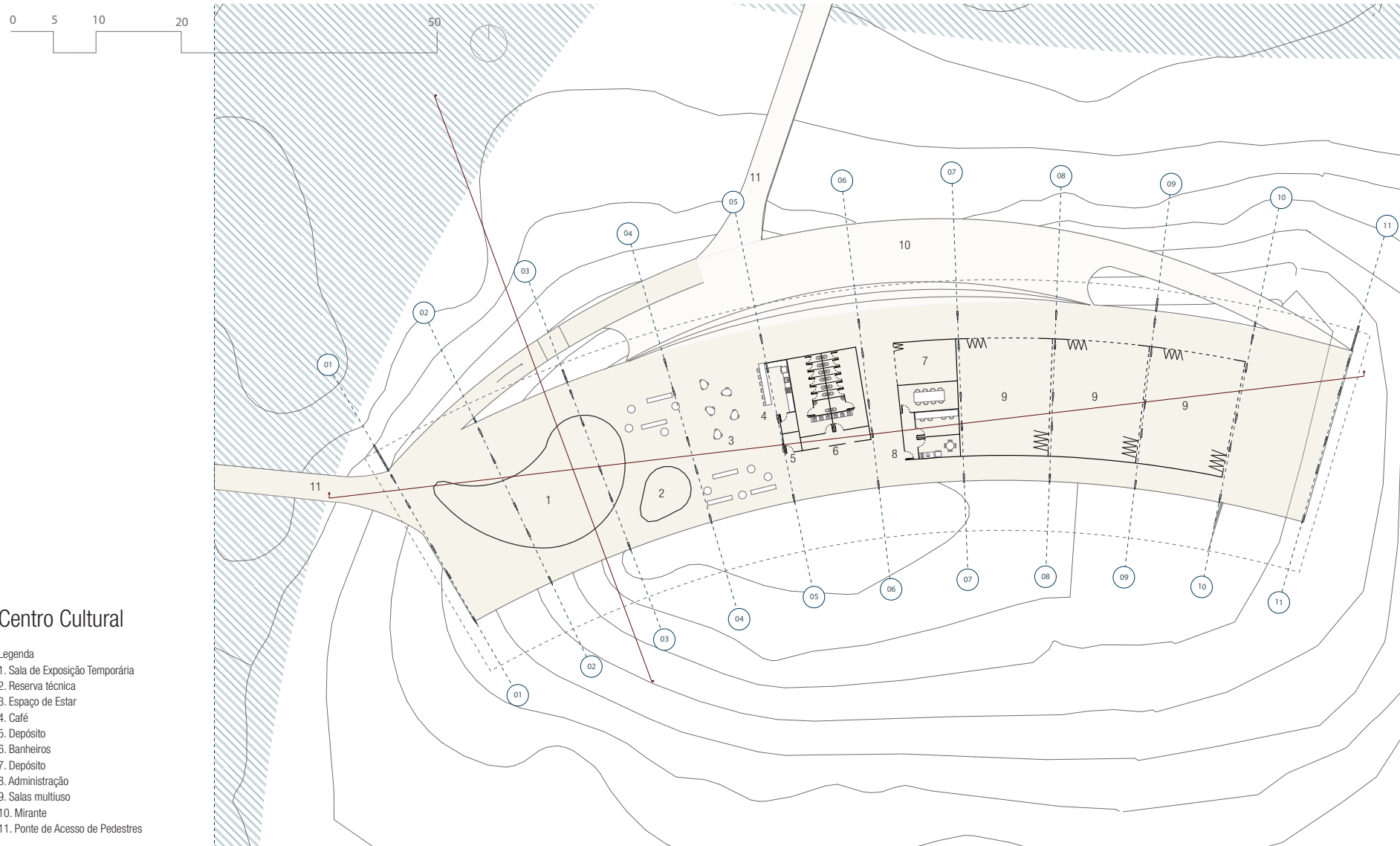


Elevação Frontal



Centro Cultural

O projeto exalta a circulação e convivência como partes fundamentais da exploração, tanto do rio, quanto do terreno, como também dos edifícios. O centro cultural funciona como ponto de articulação entre margens e só pode ser acessado por suas pontes de conexão. Emergindo em meio ao cerrado, a mata toma conta do edifício, tanto pela permeabilidade visual total, quanto pelos rasgos na laje da arquibancada que permitem que a mata invada. Ao mesmo tempo, se estrutura como uma grande arquibancada mirante frente ao rio. O programa cultural se estrutura a partir de suas galerias de circulação externa, sendo assim, o percurso do corredor é também um convite para explorar as distintas atividades que ocorrem no prédio: salas de oficinas de exploração e aprendizado do corpo e da arte, espaços expositivos, além de espaços administrativos e de serviços.

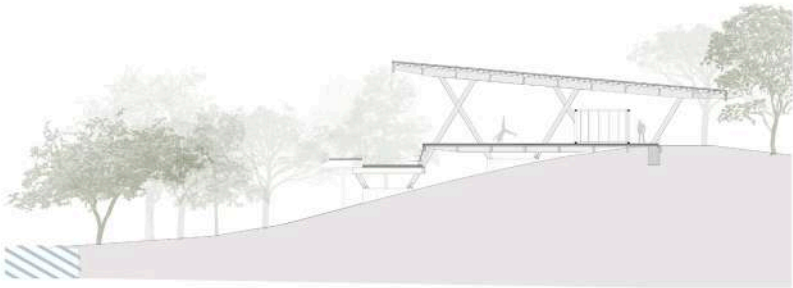


Centro Cultural

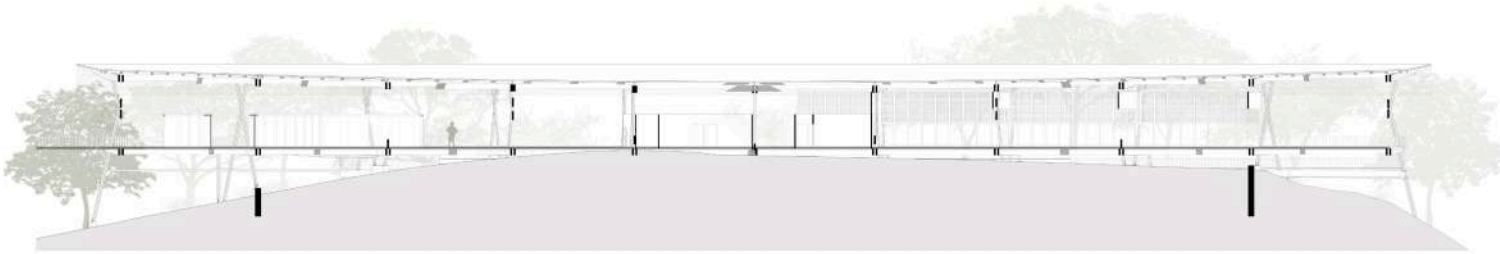
- Legenda
- 1. Sala de Exposição Temporária
 - 2. Reserva técnica
 - 3. Espaço de Estar
 - 4. Café
 - 5. Depósito
 - 6. Banheiros
 - 7. Depósito
 - 8. Administração
 - 9. Salas multiuso
 - 10. Mirante
 - 11. Ponte de Acesso de Pedestres

Centro Cultural

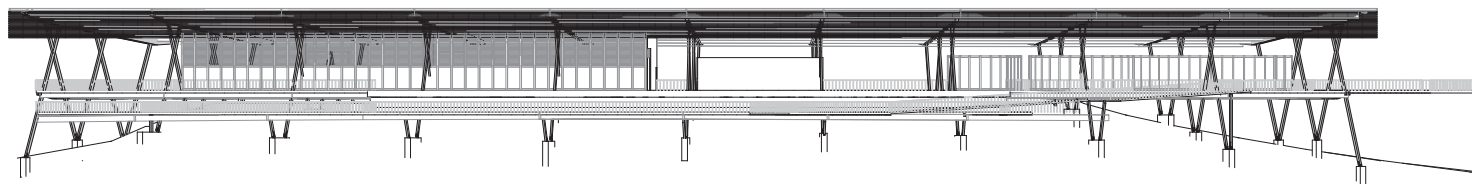
Corte Transversal



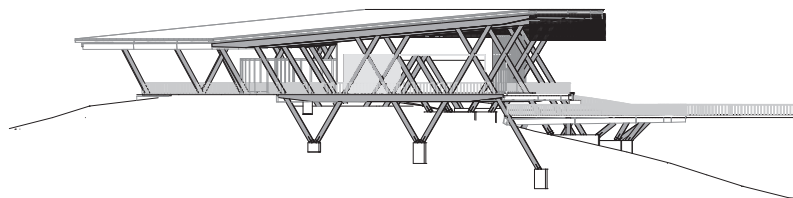
Corte Longitudinal



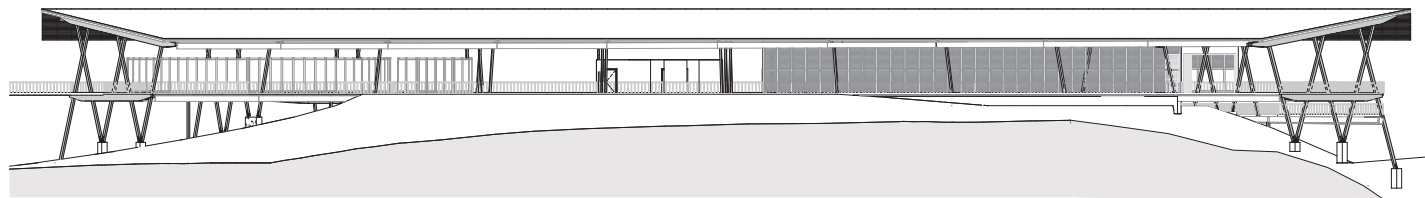
Elevação Frontal



Elevação Lateral



Elevação Posterior

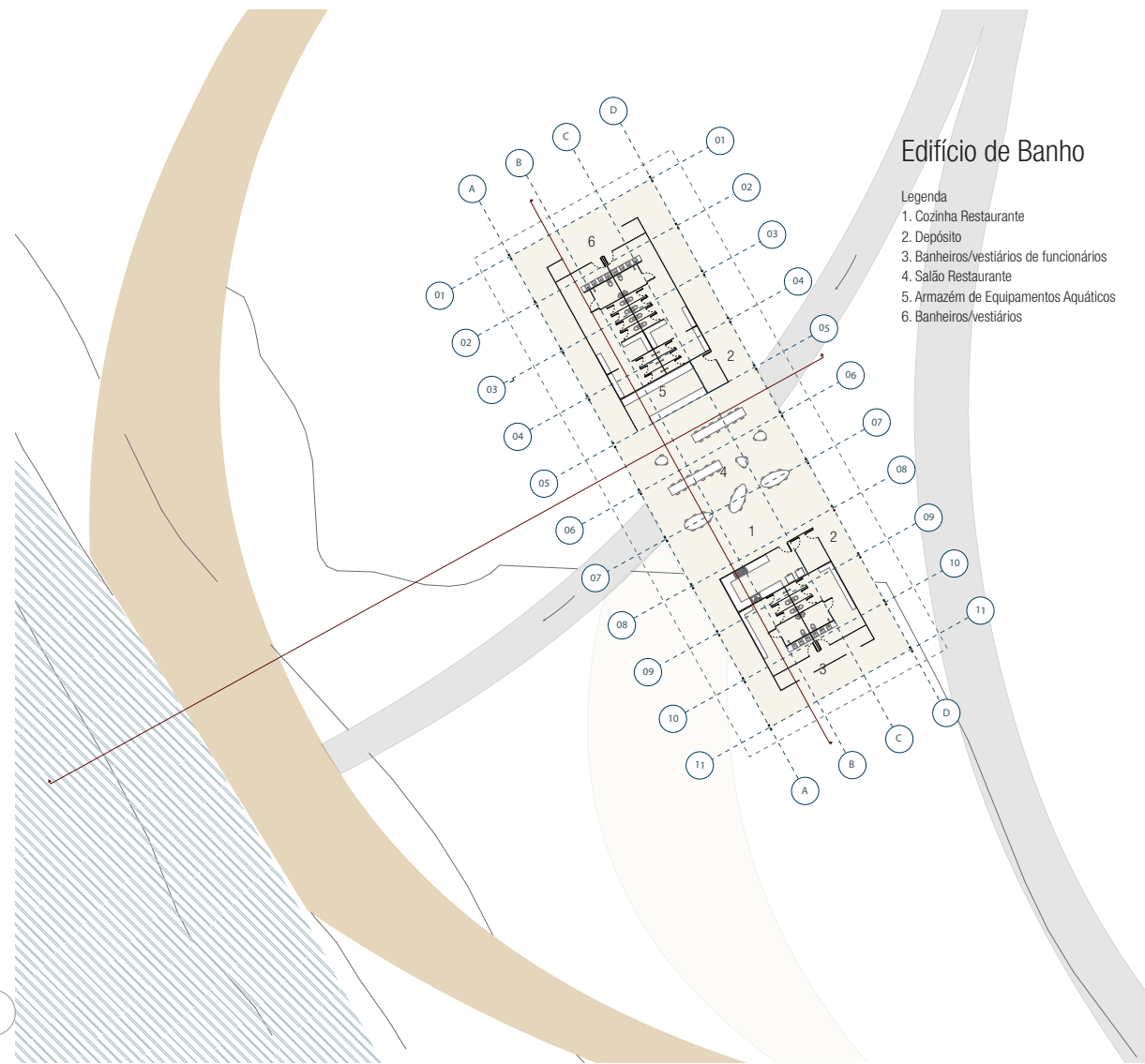






Edifício de Banho

O último edifício do espaço é um pavilhão que dá suporte para as atividades de banho no Rio de Ondas e busca reforçar a relação já existente entre o corpo d'água e o barreirense.



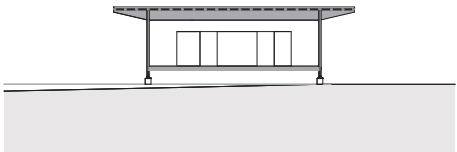
Corte Transversal



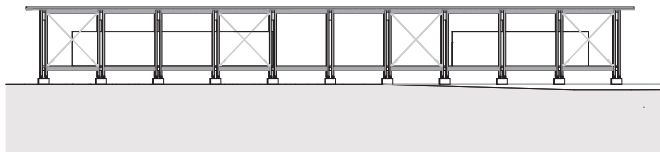
Corte Longitudinal

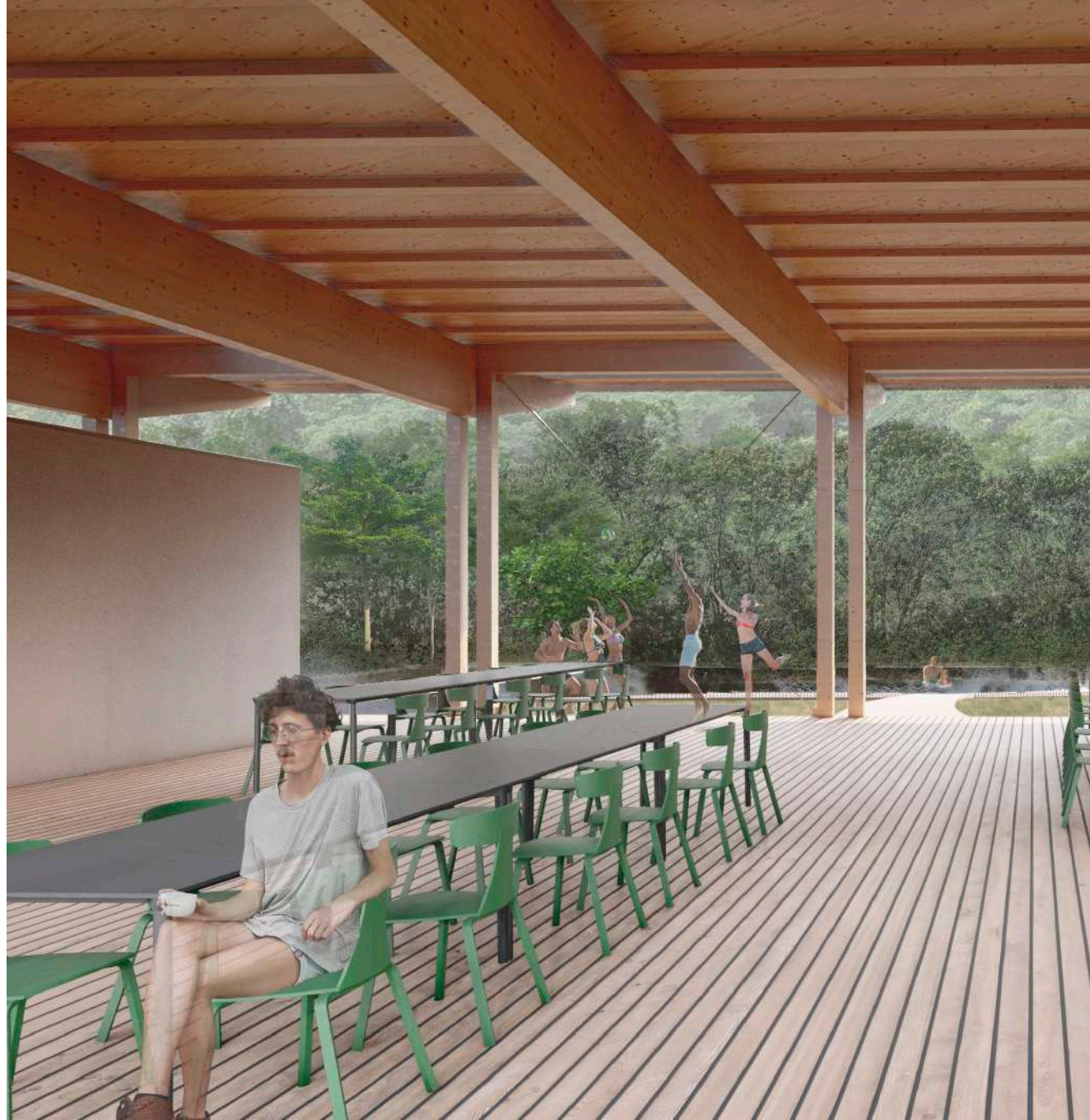


Elevação Lateral



Elevação Posterior





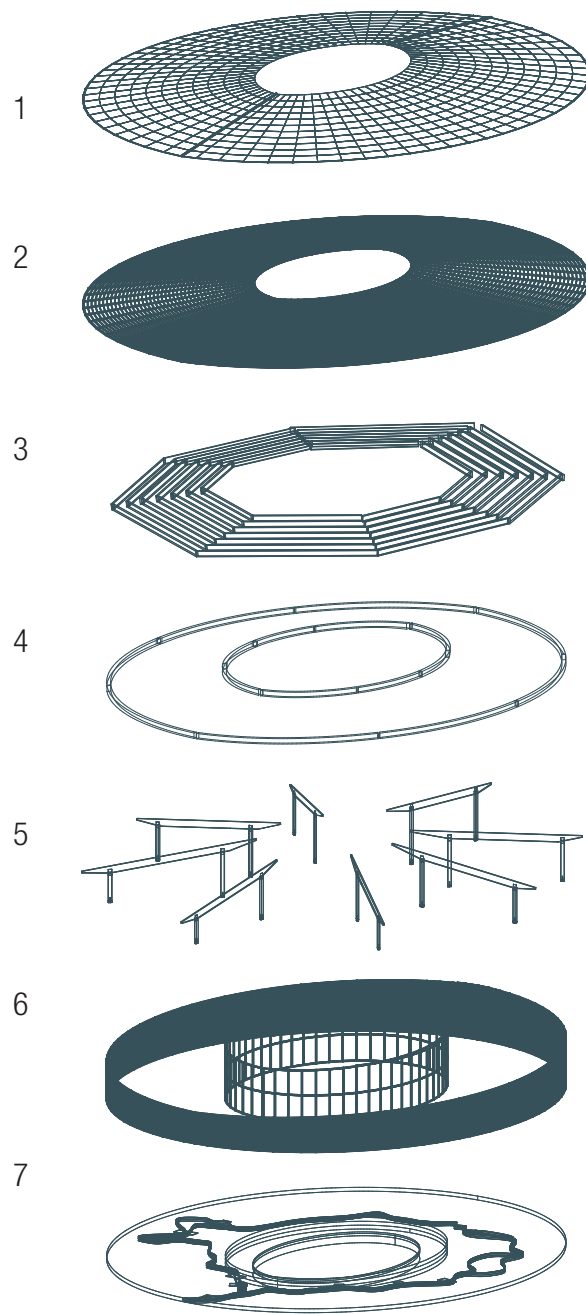
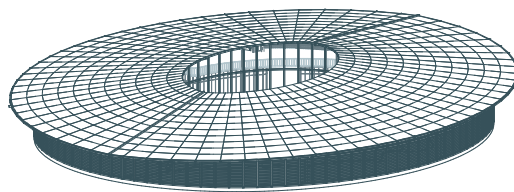


Estrutura

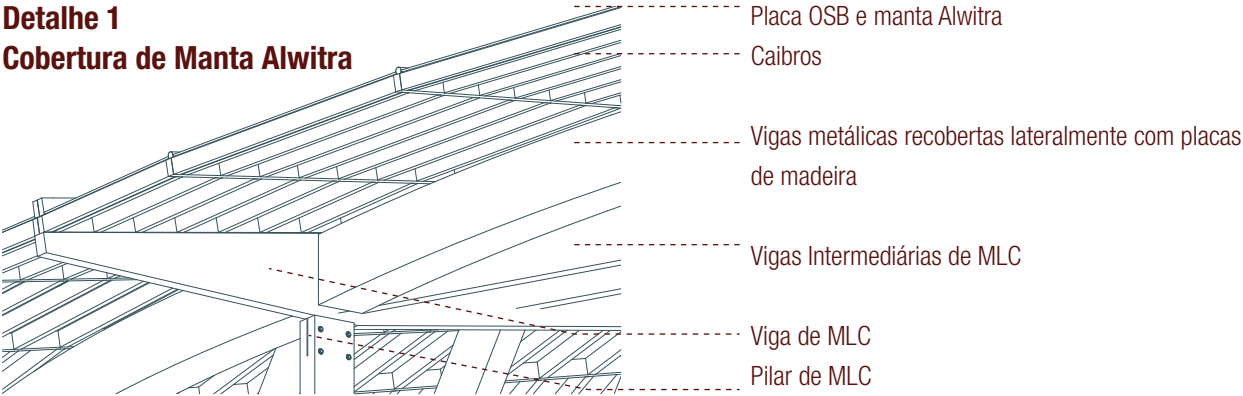
O método construtivo escolhido para o projeto foi o MLC - Madeira Laminada Colada, um produto engenheirado, que “permite o uso racional das florestas plantadas, garantindo assim a sustentabilidade no fornecimento” (ITA Construtora). Além disso, o material assegura liberdade espacial e flexibilização ao permitir grandes vãos e formas curvas. O material contemporâneo faz um releitura do uso da madeira, tradicional ao universo da navegação. Foi utilizado o sistema de pilar e vigas, aplicado com distintas soluções em cada edifício. Para o fortalecimento e travamento da estrutura, vigas intermediárias e contraventamentos metálicos foram previstos. A cobertura recebe caibros sobrepostos que sustentam e fixam a última camada de placa OSB e manta Alwitra. Devido à estrutura independente, os volumes são fechados com painéis autoportantes de vedação.

Pavilhão de Memória Fluvial

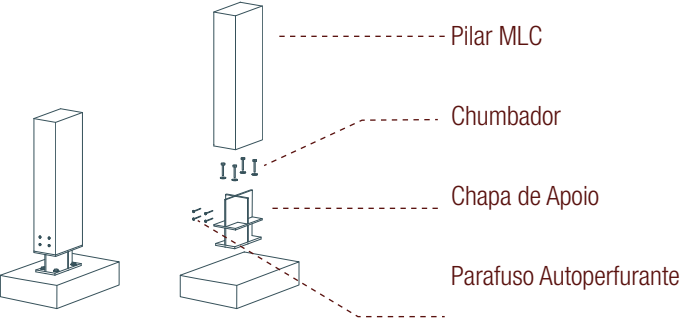
1. Placa OSB e manta Alwitra
2. Caibros
3. Vigas Intermediárias
4. Vigas de borda metálica recobertas lateralmente com placas de madeira
5. Sistema pilar-viga
6. Painéis autoportantes de vedação
7. Piso de concreto



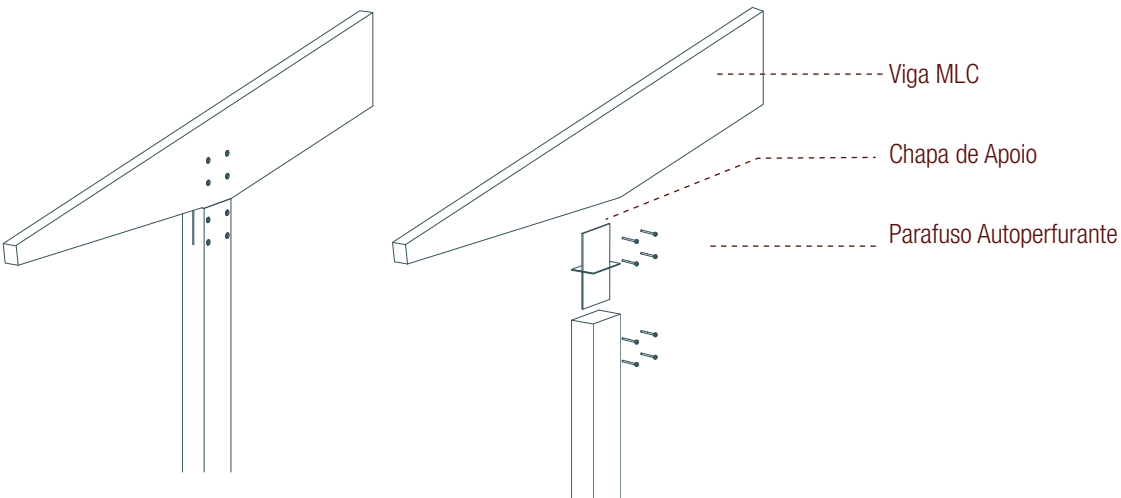
Detalhe 1
Cobertura de Manta Alwitra



Detalhe 2
Fixação do pilar na fundação

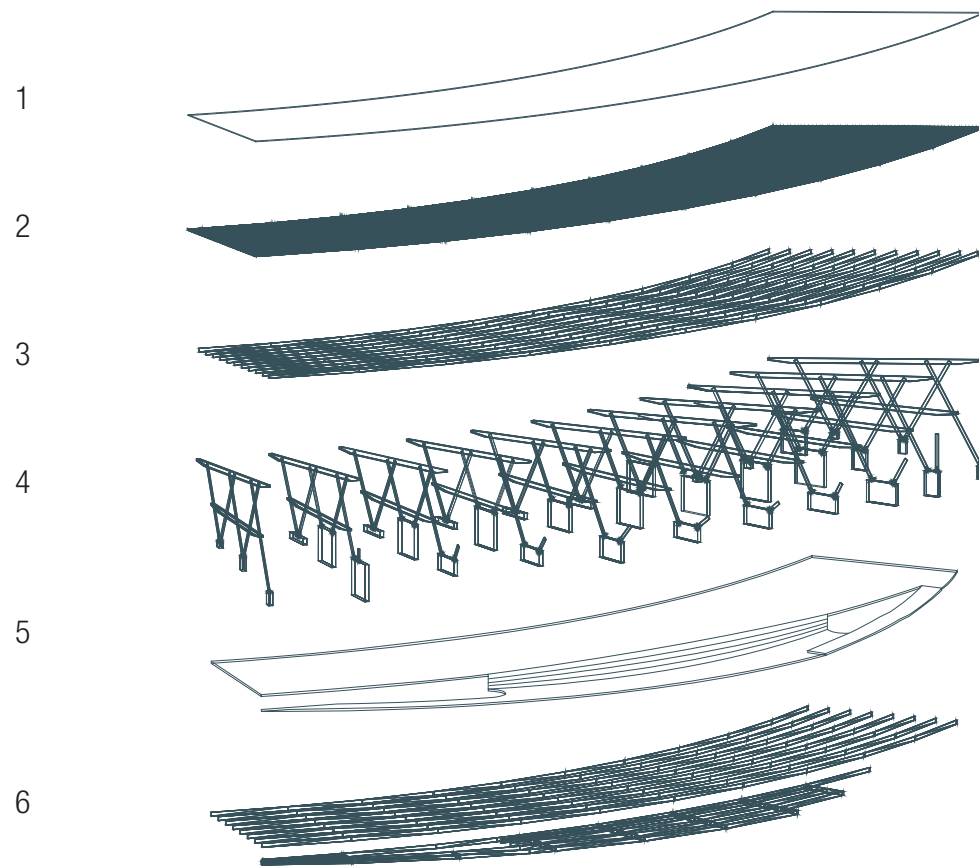
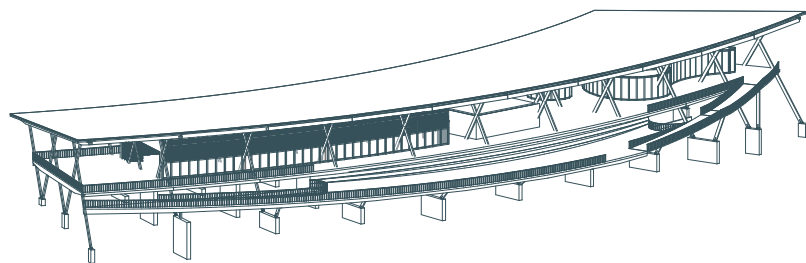


Detalhe 2
Fixação da viga no pilar

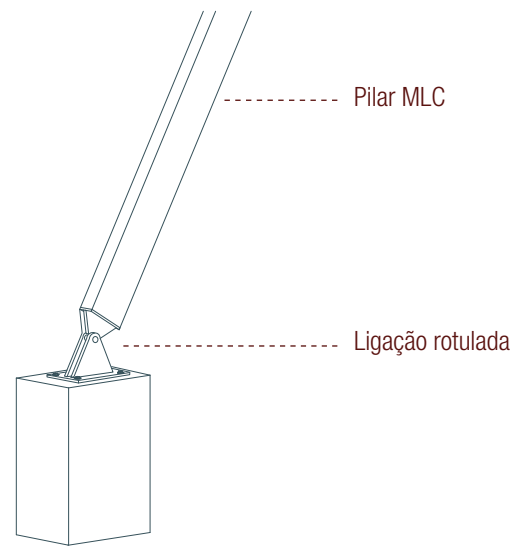


Centro Cultural

1. Placa OSB e manta Alwitra
2. Caibros
3. Vigas Intermediárias
4. Sistema pilar-viga
5. Assoalho de madeira
6. Vigas e barrotes sobrepostos

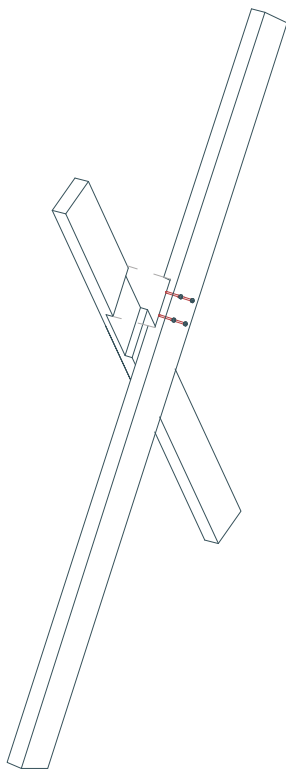


Detalhe 4
Fixação do pilar na fundação

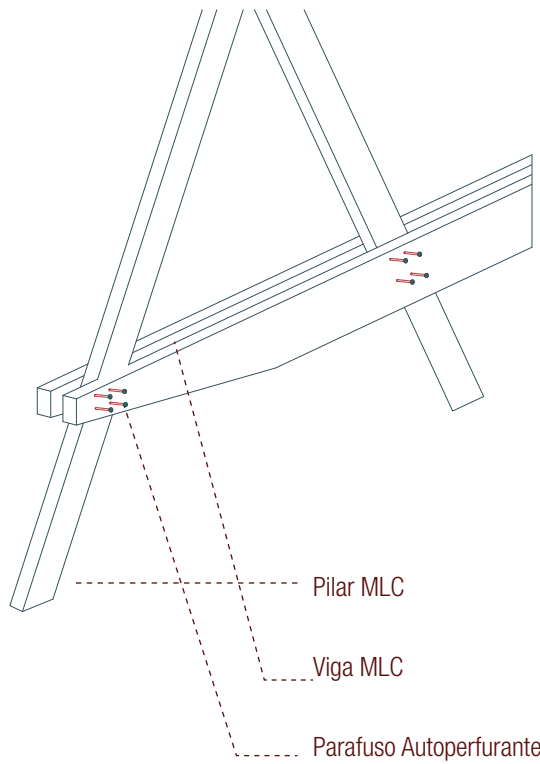


Detalhe 5
Conexão do pilar em x

Ligação de meia madeira e parafuso autoperfurante

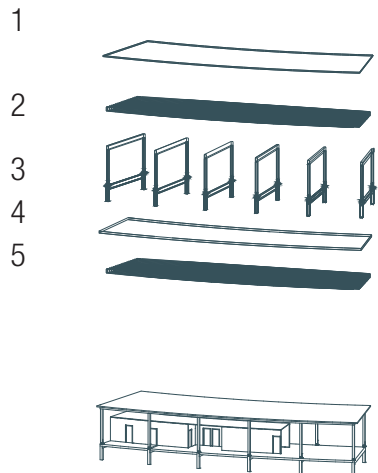


Detalhe 6
Fixação da viga dupla no pilar



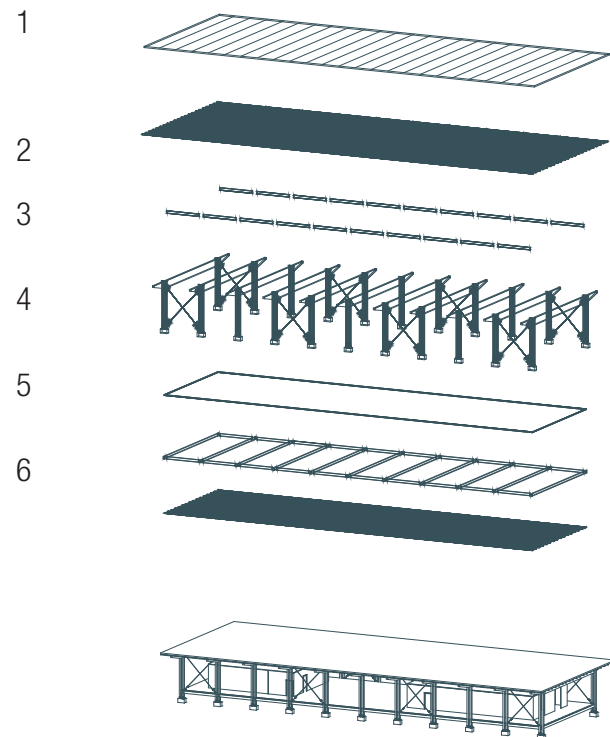
Terminal Fluvial

1. Placa OSB e manta Alwitra
2. Caibros e vigas Intermediárias
3. Sistema pilar-viga
4. Assoalho de madeira
5. Vigas e barrotes sobrepostos

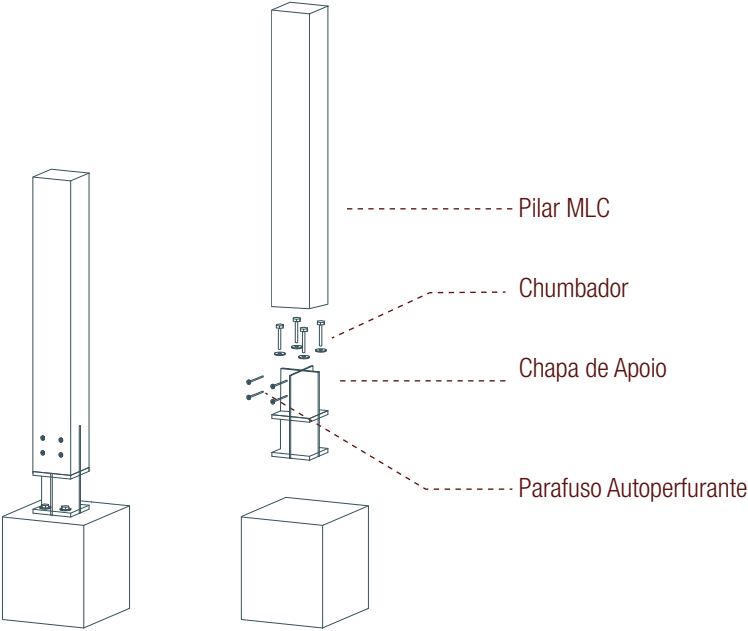


Edifício de Banho

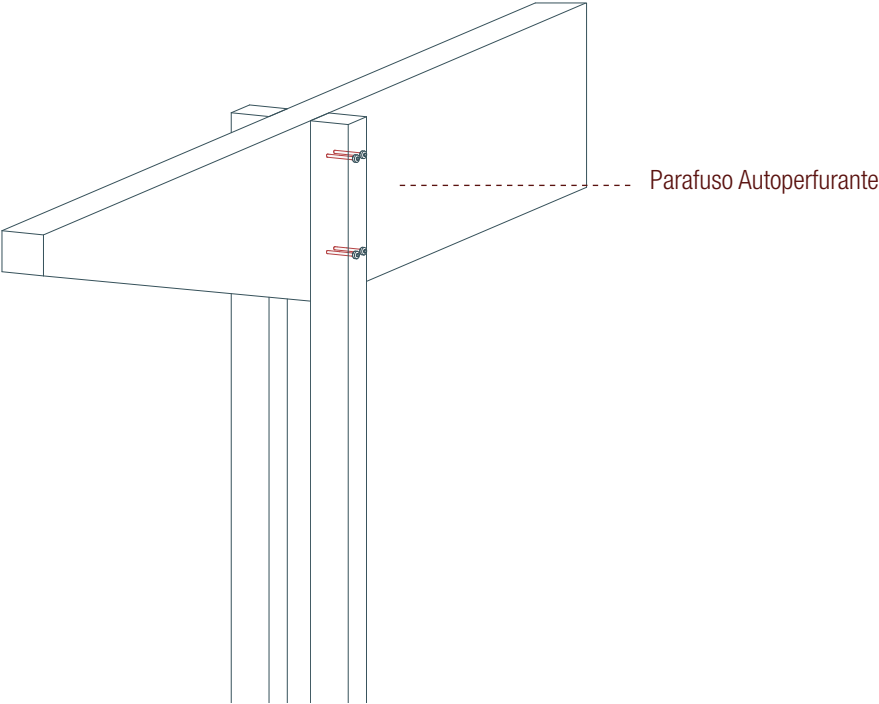
1. Placa OSB e manta Alwitra
2. Caibros
3. Vigas Intermediárias
4. Sistema pilar-viga
5. Assoalho de madeira
6. Vigas e barrotes sobrepostos



Detalhe 7
Fixação do pilar na fundação



Detalhe 8
Fixação do pilar duplo na viga



Considerações finais

O TGI começou como um questionamento acerca dos espaços culturais e de lazer da cidade. Ao longo do tempo, o processo se tornou mais profundo e encontrou distintas questões urbanas associadas ao apagamento dos corpos d'água. Trazer luz aos rios foi uma maneira de recuperar sua história e memória. O ensaio projetual partiu como uma tentativa de um projeto mais sensível, que articula pessoas, rios, paisagem e cidade. A cidade e suas águas são instâncias inseparáveis no entendimento de Barreiras, e como tal, devem seguir sendo planejadas conjuntamente.

“ meus olhos já esqueceram o que viram, mas
meu corpo ainda se lembra”

juhani pallasma

Bibliografia

ALMEIDA, Ignez Pitta de. **Barreiras, uma história de sucesso: resumo didático desde as origens até 1902**. Barreiras: Cangraf, 2005.

ALMEIDA, Ignez Pitta de. **Saudade de Barreiras: álbum de recordações**. Barreiras: Gráfica Irmãos Ribeiro, 1996.

ALMEIDA, Ignez Pitta de. **Origem do nome Barreiras**. História de Barreiras. Barreiras, ano 2, n. 4, p. 2-3, 1993

BARREIRAS BAHIA. PREFEITURA DE BARREIRAS. **PLANO DIRETOR: planejamento participativo barreiras 2030**. Barreiras: Escritório do Plano Diretor, 2016. 219 p.

CARVALHO, Luiza Dalle Zotte. **Valorizzazione del Mercato Municipale nel Centro Storico di Barreiras in Brasile 1**. 2013. 262 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Politecnico di Torino, Torino, 2013.

EMBRAPA. Agência de Informação Embrapa. [Home Page]. Disponível em <<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/>>. Acesso em 27 de Novembro de 2022.

MOREIRA, Michel Castro. **Atlas hidrológico da bacia hidrográfica do rio Grande** Barreiras, BA: Editora Gazeta Santa Cruz, 2010. 80 p. il.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Carta topográfica digital de Barreiras (MI-1891)**. Salvador: SEI, 2005. Escala: 1:100.000.

TOPOGRAFIA LOTEAMENTO ENCONTRO DAS ÁGUAS. Barreiras: 2021. Arquivo DWG.

COLE, Ariane Daniela. **A cidade em processo**. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fauusp, [S.L.], n. 22, p. 82, 1 dez. 2007. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i22p82-92>.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Direitos Culturais como Direitos Fundamentais no Ordenamento Jurídico Brasileiro**. Brasília: Brasília Jurídica, 2000.
PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Artmed Editora, 2009.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura, 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Madeira e Estrutura:

AFLALO, Marcelo; GAUZIN-MÜLLER, Dominique; MARTINS, Alberto; WISNIK, Guilherme. Madeira como estrutura: a história da Ita. São Paulo: Paralaxe, 2005. 152 p.

REWOOD. CADERNO DE DETALHES CONSTRUTIVOS MADEIRA LAMINADA COLADA (MLC). São Paulo, 2020. 45 p.

ITA CONSTRUTORA. CADERNO DE DETALHES CONSTRUTIVOS MADEIRA LAMINADA COLADA (MLC) DE EUCALIPTO. São Paulo, 2019. 55 p.

